

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Luiz Antonio Trientini

**PROJEÇÕES MUDIÁTICAS TELEVISIVAS DAS VIOLÊNCIAS DO
FUTEBOL PROFISSIONAL EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

SOROCABA/SP

2008

UNIVERSIDADE DE SOROCABA

Luiz Antonio Trientini

**PROJEÇÕES MIDIÁTICAS TELEVISIVAS DAS VIOLÊNCIAS DO
FUTEBOL PROFISSIONAL EM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO**

**Dissertação apresentada ao Curso
de Mestrado em Educação da
Universidade de Sorocaba como
requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Educação.**

**Orientador: Prof. Dr. Hélio Iveson
Passos Medrado**

Sorocaba/SP

2008

Dedico este trabalho à Ana Cândida, minha esposa, pelo apoio e incentivo irrestritos; à Maria Fernanda e Ana Carolina, nossas filhas, nossa razão maior e à D. Amazília, minha avó, pelo carinho eterno.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

Ao Prof. Dr. Hélio Iveson Passos Medrado, por não desistir de mim, mesmo em momentos tão difíceis;

Aos meus pais, Osani e Antonia, por me mostrarem os caminhos da dignidade;

Aos meus irmãos: Regina, Aloísio, Lucimara e Luciane; que a distância dos dias nos mantenha próximos no coração;

Ao Prof. José Antonio Galego, pai de profissão e irmão de vida, a quem tento seguir pelos caminhos;

Ao Prof. Alaércio Borelli, parceiro de livro e de bola;

À D. Antonia Andrade, pelo carinho e por fechar os olhos para minhas bagunças com os livros;

À Prof^a. Rosemeire Aparecida Crema Satrapa, pelo apoio e compreensão;

Aos amigos do Centro de Capacitação, Rose, Bel, Aninha, Marlene e especialmente Alfredo, por tantas colaborações;

Ao Prof. Alan Rodrigues, pelas oportunidades;

Ao Prof. Dr. Fernando Casadei Salles, pela grandeza de sua simplicidade;

Ao Prof. Dr. Romário de Araújo Mello, pelas sugestões no trabalho e apoio pessoal;

Aos professores e professoras do Programa de Mestrado da Uniso, pela paciência e amizade;

À Regina, bibliotecária da Uniso, pela atenção e disponibilidade;

A Deus, o Grande Arquiteto do Universo.

RESUMO

O presente trabalho busca desenvolver uma reflexão sobre as violências presentes no contexto das quadras esportivas escolares, mais especificamente sobre a modalidade futebol. A violência é compreendida como uma manifestação histórica e social com múltiplas e complexas faces, que interage com o ambiente da escola. Este é um estudo sobre algumas violências do futebol profissional e seus reflexos no ambiente escolar, por influência da mídia televisiva esportiva. Aborda também as violências simbólicas, concretas e intermediárias, manifestadas durante as práticas esportivas em uma escola particular da cidade de Santana de Parnaíba, de nível socioeconômico médio e alto, freqüentada por moradores dos condomínios Alphaville e Tamboré. Buscamos conhecer a realidade qualitativa no estudo, com levantamento também, de dados quantitativos. Analisamos as manifestações das violências na escola, examinando as agressões buscando compreender as projeções das violências da mídia televisiva esportiva nessa instituição escolar. Levamos também em consideração a violência do professor, que durante estas atividades tem sua função confundida com a de árbitro, por vezes assumindo-a e assim, sendo projetada pelos alunos, trazendo para este momento as representações daquilo que puderam observar, principalmente através da televisão.

Palavras-chave: Educação Física, Violências, Esportes, Mídia e Televisão.

ABSTRATC

This study attempts to develop a reflection on the violence in the context of school sports courts, more specifically about football. Violence is understood as a historical and social event with multiple and complex surfaces, which interacts with the school ambient. This is a study of some violence of professional football and its reflections in the school environment, because of the influence of television sports media. It also discusses the symbolic violence, concrete and intermediary, expressed during the sports in a private school in the city of Santana de Parnaíba of medium and high socioeconomic level, residents of condominiums frequented by Alphaville and Tamboré. We strive to know the reality in the qualitative study, also with lifting of quantitative data. We review the manifestations of violence at school, examining the attacks seeking to understand the projections of violence in television sports media in this school. We also consider the violence of the teacher, during which these activities have confused his role with the referee, sometimes taking it and so, being designed by students, bringing to this time the representations of what could follow, especially through television.

Keywords: Physical Education, Violence, Sports, Media and Television.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIAS	12
3 VIOLÊNCIAS E ESPORTE	28
3.1 Violência no esporte.....	29
3.2 Violência do esporte.....	30
3.3 Mercantilização do futebol.....	32
3.4 A importância do conhecimento dos alunos sobre o corpo.....	34
3.5 O atleta, uma mercadoria	40
3.6 Racismo, desde o início do futebol.....	43
3.7 Futebol e (in)cultura	49
3.8 Questões de gênero	51
3.9 Ações violentas das torcidas	58
4 INSTITUIÇÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES.....	62
4.1 A Educação Física Escolar	65
4.2 O futebol como elemento educativo	71
5 A TV E AS PROJEÇÕES MUDIÁTICAS: ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA	74
5.1 O alcance da televisão	74
5.2 Televisão e escola	75
5.3 Mídia, televisão e educação física.....	77
5.4 Caracterização da pesquisa e sujeitos	81
5.5 O Estabelecimento de ensino.....	82
5.6 As observações das aulas.....	83
5.7 Resultados do questionário.....	84

5.8 Concluindo	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS.....	97

1 INTRODUÇÃO

Violência, mídia e escola surgem da necessidade de problematizar a projeção das violências nos programas televisivos para as instituições escolares, questionando-se inicialmente, o que é violência? Existe uma violência ou um conjunto de violências que precisam ser contextualizadas?

Cada vez mais temos notícias das situações de violências que vem ocorrendo no ambiente escolar, seja ele na relação professor x aluno, aluno x professor, aluno x aluno, funcionários x alunos e assim poderíamos elencar mais alguns atores para esta nossa reflexão. Exploramos a participação dos atores da escola, fundamentalmente da participação dos alunos. A violência poderia acontecer em tantos outros lugares, porém a escola é um dos espaços onde os jovens mais se encontram. A escola deixou de ser um templo sagrado onde o respeito e o saber caminhavam de mãos dadas e de forma intocada. O prédio, antes preservado, é hoje objeto de invasões e depredações. Medidas são constantemente tomadas para tentar minimizar problemas de violência contra a instituição. Muros são construídos, grades são colocadas nas janelas, alarmes, portões eletrônicos que se abrem somente mediante identificação e assim por diante. Mas, e a violência interna? Aquelas que ocorrem dentro destes muros? Quais os motivos pelos quais são praticadas? Quais são as influências que recebem?

Ouvimos normalmente falar das violências físicas, que sabidamente é um problema em nível mundial e, por isso mesmo, ocupando um espaço quase que diário na mídia televisiva. Por outro lado, silencia-se sobre as violências simbólicas, aquelas que não são percebidas.

A partir daí buscamos levantar quais os reflexos e influências das violências midiáticas televisivas, registradas durante as aulas de Educação Física e jogos no ambiente escolar. Fizemos este questionamento, buscando mostrar que as violências simbólicas, concretas e intermediárias, se manifestam também em espaços socioeconomicamente favorecidos, que supostamente isentariam ou minimizariam o aparecimento de violências.

Os meios de comunicação, divulgando eventos esportivos, difundindo cenas violentas, destacam o comportamento agressivo por intermédio do sensacionalismo. Questões significantes conjugando violência e comunicação. Entendemos que a escola, como instituição, deve colaborar para a formação e desenvolvimento dos

cidadãos, mas deverá contar com outros agentes e instituições. A reflexão sobre o problema parte de minha relação com os alunos do Ensino Médio, isto é, jovens entre 14 e 18 anos, resgatando as práticas pedagógicas e sistematizando idéias em relação à situação apresentada. Salientamos a faixa etária como expoente indicador que pretendemos analisar.

Variáveis socioeconômicas tiveram destaque na pesquisa. Um ponto de sustentação, é que a violência midiática corta verticalmente o tecido social. Metodologicamente, a característica da pesquisa impõe a pesquisa de campo, na tentativa de um retrato que se dá num contexto quantitativo, mas apostando num cerco epistemológico qualitativo sabendo que a mesma é recurso metodológico e não metodologia.

Nossa trajetória de professor permite examinar procedimentos qualitativos interdisciplinares. Preliminarmente buscamos com diferentes olhares a hipótese central da pesquisa, no que se refere aos procedimentos. Objetivamos a opção qualitativa de pesquisa, apoiada na centralidade das violências que envolvem alunos e professores susceptíveis ao contexto escolar, conhecendo a realidade das quadras esportivas. A priori, dados qualitativos, amparados por quantitativos.

Analisamos a presença de violências promovidas midiaticamente, investigando os propósitos que produzem saberes sobre a participação da mídia no aparecimento das violências, confrontando as de origem docente e discente, respectivamente, a postura do professor e suas diferentes ações e as representações dos alunos durante as atividades. Dessa forma pudemos entender que a mídia, principalmente televisiva, exerce grande influência nas atitudes violentas dentro do ambiente escolar e que não só a criança, mas também o adulto podem adquirir comportamentos através de modelos veiculados pela televisão.

O trabalho é um estudo sobre as violências simbólicas, concretas e intermediárias em que elas são promovidas, por intermédio de uma escola particular de Ensino Médio em Alphaville, um ambiente que supostamente estaria isento ou minimizado do problema, em função do nível socioeconômico de sua população. Partimos do pressuposto de que há uma projeção das violências midiáticas para estas instituições. Metodologicamente buscamos conhecer a realidade qualitativa no estudo das quadras, pois, preliminarmente, conhecemos os dados quantitativos e estes não sustentam as hipóteses que apóiam os pressupostos da pesquisa. Há que se levar também em consideração a violência do próprio professor, que durante

estas atividades tem sua função confundida com a de árbitro, muitas vezes assumindo-a e assim sendo projetada pelos alunos, trazendo para este momento, as representações daquilo que puderam observar, principalmente através da televisão.

Na primeira parte do trabalho abordamos os conceitos e concepções de violências para que o leitor possa compreender desde o início de qual violência falamos. A seguir, destacamos a complexidade do que chamamos de esporte e alguns temas que suscitam violências e sua relação com a escola, afinal, o que é esporte? Qual sua relação com o ambiente escolar? Após, adentramos nas instituições escolares, abordando a Educação Física escolar e o futebol como elemento educativo. Daí, invadimos os programas televisivos, principalmente esportivos, trazendo à discussão a instituição escolar e os reflexos das violências do futebol nas quadras esportivas escolares.

2 CONCEPÇÕES DE VIOLÊNCIAS

À flor da pele e ao fundo da alma – assim é a violência no cotidiano, uma violência que corre e ricocheteia sobre todas as superfícies de nossa existência e que uma palavra, um gesto, uma imagem, um grito, uma sombra que seja, capta, sustenta e relança indefinidamente, e que, no entanto, desta espuma dos dias, abre à alma vertiginosos abismos em mergulhos de angústia que nos fazem dizer: Sou eu mesmo toda essa violência? (KAFKA apud DADOUN, 1998)

Em função da divulgação de notícias por meio dos mais diversos veículos de comunicação, podemos dizer que a violência, principalmente urbana, vem crescendo assustadoramente. Assaltos, homicídios, seqüestros, tem sido assuntos diários na mídia. Mas, qual seria a sua origem? A partir de que momento o homem tomou contato com as violências ou passou a ser violento?

No início do texto, trabalhamos com autores com vários pontos de vista peculiares sobre as questões das violências. Estas, como assinalam nossas hipóteses de trabalho, projetadas para as quadras no cotidiano escolar.

Teria sido a morte de Abel por seu irmão Caim, o primeiro ato de violência entre os humanos ou a mordida na maçã por Eva, também poderia ser considerada um ato de violência, provocando também a primeira punição?

A morte de todos os seres que viviam na terra, exceção feita à família de Noé e dos animais escolhidos para entrarem à Arca não seria pura violência de Deus?

Independentemente de crermos ou não nestas afirmações bíblicas ou em suas possíveis interpretações, fica claro que a violência é contemporânea do homem. Até mesmo o homem que acredita possuir a verdade absoluta, tende a tentar impô-la aos demais. Padilha (1970, p. 7) relata que quem não admite a evolução de seu pensamento e não se dispõe a modificar suas idéias compromete por antecipação a vida humana de relação e abre caminho para a violência. Esta tem, portanto, raízes na intolerância.

O relacionamento entre o eu e o outro é uma condição considerada indispensável à própria afirmação existencial desse eu que só se aprimora em contato com o outro dando sentido numa dimensão ontológica, bem acima de um plano meramente psicológico em que normalmente estamos acostumados a considerá-lo. Esta violência participa também, ao longo da história de processos

político-sociais e de todas as ações decorrentes destes. Assim, seja em que plano for, há o surgimento da violência, acompanhando as mudanças da sociedade ou em decorrência da intolerância do ser humano, levando-nos a enfatizar a aceleração de reformas socioeconômicas julgadas prementes e indispensáveis. Porém essas eliminam a violência ou a violência é uma condição socioeconômica?

Quando ocorre um ato de violência, há que se buscar a essência de sua origem. Pode até ser que o autor seja apenas um, mas, a condução da ação se encontra em muitas mãos. Mesmo atos considerados por muitos como pequenos e até insignificantes, trazem uma carga de violência, porém esta análise torna-se complexa a partir do momento de que é vista pelos diferentes atores envolvidos, sejam eles atletas, árbitros, torcedores, repórteres das diversas mídias e suas linguagens específicas e, principalmente, os professores de Educação Física e alunos, no ambiente das quadras escolares. Dessa forma torna-se difícil dimensionar um ato como maior ou menor, mais ou menos significativo, pois demanda contextos. Dessa forma, como analisar a dimensão do ato violento? Nem sempre a proporção do ato é percebida por atores que estejam à margem da situação. Esta, deve ser analisada em todas as suas nuances, tentando pormenorizar o processo para que se tenha uma aproximação maior do que ocorre com os atores envolvidos, assim como as possibilidades de chegar à origem do problema. Nada cientificamente é desprezível.

Ao buscarmos a origem dos atos violentos, até mesmo a ação hormonal deve ser considerada. Nesse aspecto podemos citar a ação da adrenalina. Quando levamos um susto ou praticamos alguma atividade esportiva tida como radical ou mesmo durante uma situação de perigo, milhares de estruturas iguais a esta são liberadas na corrente sanguínea. Podemos dizer que nosso organismo fica “turbinado”, pronto para enfrentar uma situação de perigo, em estado de alerta. A adrenalina é um estimulante natural. Atua também como um neurotransmissor e tem efeito sobre o sistema nervoso simpático: coração, pulmões, vasos sanguíneos, órgãos genitais, entre outros. É liberada em resposta a uma situação de stress físico ou mental. Seus principais efeitos são: aumento de batimentos cardíacos, dilatação dos brônquios e pupilas, vasoconstrição, sudorese, etc. Quando um animal é ameaçado, as opções são geralmente, ficar e lutar ou correr o mais rapidamente possível. Ambas as respostas irão requerer uma quantidade extra de oxigênio e açúcar no sangue e nos músculos. A liberação de adrenalina, então, é acionada,

aumentando a velocidade dos batimentos cardíacos, metabolização e respiração. Quando as pessoas sofrem uma emoção forte, as glândulas adrenais, que estão localizadas na parte superior dos rins, liberam adrenalina. Ela entra na corrente sanguínea e no coração, provocando o aumento dos batimentos, e com isso mais sangue é bombeado para os músculos. A adrenalina estimula ainda uma contração de vasos, que serve para empurrar o sangue e melhorar a irrigação em centros vitais como o cérebro (Adrenalina, 2008). Dessa forma, não negamos a interferência genética, mas desconhecemos com profundidade até onde este aspecto pode interferir nas ações.

As atitudes dos indivíduos nos momentos de tensão são inesperadas e imprevisíveis.

Toda concepção sobre violências possui uma dimensão substancial. Afaste-se de insinuações pequenas ou insignificantes caracterizadas por aqueles que se encontram no senso comum.

Podemos então dizer que o ato violento nasceu muito antes de sua eclosão, pois a comunicação entre os seres humanos, faz com que uma frase solta ou mesmo um comentário inofensivo gerem uma série de conseqüências, que poderiam ter a teoria da responsabilidade distribuída no contexto comunitário. Isto não implica dividir ou absolver o protagonista da violência, mas sim realçar a complexidade do tema.

Entendemos, dessa forma, que a violência não pode ser estudada desconectada do contexto histórico-cultural, até porque, podemos dizer: estes a explicam.

O tratamento dispensado à violência, carece de um olhar mais atento, até mesmo prioritário, pois abordamos uma das mais relevantes questões relativas ao humano.

Padilha (1970, p.10), relata que “a violência individual resulta do clima geral de violência.”

O mesmo autor traz a explicação de que do fenômeno da violência não passa somente à luz de uma ou outra área, seja ela a psicologia ou a filosofia. Sua complexidade desafia todas as esquematizações. Há toda uma gama de fatores que concorrem para o nascimento da violência. Abordarmos situações do cotidiano se faz necessário para visualizarmos momentos em que podemos perceber diferentes manifestações de violências. Tomemos como exemplo a força dos anúncios nas

emissoras de televisão, a propaganda agressiva na imprensa em geral, a conquista de um cliente a qualquer custo, as lutas entre empresas concorrentes, a disputa por cargos e posições por indivíduos de uma mesma categoria, a busca desenfreada por uma posição social e econômica. Podemos dizer que tudo isto é um processo revelador de um estado de violência. Do ponto de vista psicológico, um ato de violência, ao mesmo tempo em que traduz a brutalidade de seu autor, pode também traduzir certa dose interna de inferioridade.

O ato violento surge após lenta maturação e, a simples presença de um elemento catalisador pode desencadear o processo, levando o indivíduo a cometer este ato. Normalmente a agressividade nasce da frustração e está configurada nas aspirações artificialmente criadas pelos recursos tecnológicos do homem contemporâneo, emergindo assim o conceito de sociedade de consumo.

Nosso intuito, na seqüência, é dar uma visão panorâmica dos diferentes momentos e ambientes, para depois especificarmos nossa pesquisa.

Ao buscarmos conceituá-la, podemos dizer que é sempre uma ruptura e traz consigo a idéia de desordem, se entendermos a ruptura de uma ordem vigente. Reportamos-nos, mormente, compreender que se trata da ordem pré-estabelecida, das atitudes de comportamento da vida em sociedade. Mesmo as diversas manifestações violentas da natureza, tais como terremotos, furacões, inundações, entre outras, levam às diversas situações de desordem. Nesse contexto, não podemos deixar de citar que estes eventos registram as violências humanas, tais como saques a supermercados, lojas e similares, normalmente observadas durante estes episódios.

Violência traduz, portanto, um ato humano, o desdobramento de uma tomada de consciência seguida de um ato livre. Como relata Pascal (apud PADILHA, 1970, p 14):

O homem imagina ser grande e verifica que é pequeno; imagina ser feliz e vê que é miserável; imagina ser perfeito e descobre que está cheio de imperfeições; imagina ser objeto de amor e de estima dos homens e descobre que seus erros lhe causam aversão e desprezo. O embaraço em que se encontra então produz nele as mais injustas e criminosas paixões que se possa imaginar, pois concebe um ódio mortal contra a verdade que inculpa e o convence de seus erros.

Dessa forma podemos entender que o conceito de violência ganha significado apenas à luz da natureza humana, mesmo podendo considerá-la como complexa. Nesse sentido não existe um determinismo histórico.

Para Mafessoli, (apud GUIMARÃES,1996), a violência não apenas adquire distintas modulações em diferentes momentos históricos, como também estabelece regularidades que apontam para a constância de sua manifestação. A violência, aqui entendida como força, é uma das manifestações que move as relações humanas, não deixa de levar em conta a instabilidade social como parte de tudo aquilo que, ao invés de suprimir os antagonismos tenta ordená-los. A força, como elemento da “potência”, uma vez sendo reconhecida e simbolicamente integrada, encontra seu lugar no jogo do dinamismo social.

René Remond, (apud PADILHA,1970), conceitua violência

[...] como toda a iniciativa que usurpa gravemente a liberdade de outrem, que tende a proibir a liberdade de reflexão, de julgamento, de decisão e sobretudo que leva a nivelar o próximo à posição de meio ou instrumento num projeto que absorve ou engloba, sem tratá-lo como um parceiro livre e igual.

A autora Marie Domenach (apud PADILHA,1970) , sustenta que “a violência é esta força que se exerce sobre um homem ou um grupo de homens, a fim de obter deles o que nem a palavra, nem o direito, nem a moral permitiriam que obtivesse”.

A etimologia latina, segundo Dadoun, (1998, p. 10) nos trás que violência vem de “vis”, que significa violência, mas também força, vigor, potência. “Vis” significa mais precisamente o emprego de força, as vias de fato, assim como também a força das armas. O citado autor esclarece que “vis” marca o caráter essencial, a essência de um ser, solidificando a hipótese de violência como essência do homem. Uma outra indicação do termo “vis”, traz a acepção de quantidade ou aglomeração. Poderíamos portanto entender multidão como sinônimo de violência?

Lippelt, 2004, p.23, ao buscar outros significados para o termo “vis” descreve conceitos de Marilena Chauí:

1 – tudo o que abrange a força para ir contra a natureza de um ser (desnaturar);

- 2 – todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (coagir, constranger, torturar, brutalizar);
- 3 – todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (violar);
- 4 – todo ato de transgressão contra aquelas coisas ou ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito;
- 5 – conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação pelo medo e terror (LIPPELT, 2004, p.23).

Os autores Abramovay e Rua (apud LIPPELT, 2004, p.23) trazem o conceito de “toda ação que impede ou dificulta o desenvolvimento, na qual a pessoa fica limitada em sua liberdade”.

Já Chesnais, (apud. LIPPELT. p. 24) classifica a violência em vários tipos:

[...] violência física (que pode resultar em danos irreparáveis à vida dos indivíduos); violência econômica (que se refere somente a prejuízos causados ao patrimônio); a propriedade, principalmente aqueles resultantes de atos de delinqüência e criminalidade contra os bens, como o vandalismo, e o último tipo chamado de violência moral ou violência simbólica.

Há ainda o termo “violentus” aplicando-se à transgressão natural de se proceder, como interpretação distorcida ou falsa do que está estabelecido, como a infração ou quebra de uma lei.

Dessa forma poderíamos entender que a palavra violência, dependendo do contexto, pode estar ligada tanto ao verbo subjugar quanto ao verbo aniquilar. Exemplo disso se dá no domínio de classes numa determinada comunidade ou ainda, da hegemonia imposta por determinadas nações em detrimento de outras.

Como exemplos de diferentes formas de violências como elemento presente em diversos momentos da história da humanidade, abordaremos algumas situações.

Como uma referência à nossa sociedade que é, com diferentes cultos, religiosa, podemos citar as guerras reais ou potenciais e que muitas vezes ocorrem sob os mais diferentes desígnios, como é o caso das guerras religiosas ou Santas, que datam de séculos atrás e que continuam ocorrendo em nome de Deus, provocando uma profunda e enorme contradição. A religião, ao aproximar o homem de Deus, estimula a maior compreensão entre os homens, tornando irracional a

incompreensão entre seres que se consideram “irmãos”. Não há, a meu ver, justificativa para a intolerância religiosa que provoca a violência. Podemos nos reportar ainda aos horrores da “Santa Inquisição” entre outros tantos fatos, que levaram inclusive um Papa a pedir desculpas à humanidade pelos atos cometidos. Claramente uma busca absurda de manutenção de poder.

Há que se levar em consideração ainda, a violência manifestada na forma como os homens utilizam seus veículos, transformando-os em armas que tem levado a óbito ou mutilações, um número cada vez maior de pessoas, superior até mesmo, ao de vítimas diretas das guerras. Isso ligado principalmente ao clima de aceleração a que somos submetidos cotidianamente. Esse clima pressiona as pessoas a fazerem tudo em um ritmo cada vez mais veloz e, nem sempre havendo razões necessárias para tanto. Para termos uma idéia dos fatos, em dados coletados junto ao Ministério da Saúde, a Organização Mundial de Saúde aponta que 50 milhões de pessoas/ano são acometidas por esse tipo de acidente, sendo, 2 milhões de óbitos. Estima que, caso não sejam tomadas medidas preventivas efetivas, este número possa aumentar até o ano de 2030, em 40%.

Outra forma que é cada vez mais crescente, é o de uso de armas de fogo. Não há um dia somente em que não tenhamos na mídia, notícias sobre barbáries cometidas ou acidentes com as armas, sendo esta o principal causa de lesões medulares que levam indivíduos ao uso de cadeiras de rodas e a outro processo de violência que é a discriminação, além das dificuldades de locomoção e porque não de aceitação, por parte de diversos segmentos da sociedade. Segundo o Serviço de Segurança Pública de São Paulo, no levantamento de homicídios nas declarações de óbitos, 88,6% são causados por armas de fogo

Abordamos também, a busca exagerada pelo lucro fácil como uma faceta da violência contra o consumidor. A guerra de preços travada diariamente acaba envolvendo o consumidor por meio da agressividade das propagandas, que criam necessidades a serem satisfeitas de qualquer maneira. Torna-se assim o homem, prisioneiro do mundo que ajuda a construir. Ainda referindo-se a aspectos econômicos, citamos as crises financeiras mundiais, que segundo a Organização Mundial de Saúde, podem aumentar a incidência de suicídios e enfermidades mentais entre as pessoas que enfrentam a perda de sua moradia ou meio de subsistência. Em Los Angeles, um homem de 45 anos, matou a disparos cinco

membros de sua família e se suicidou. Deixou uma carta para a polícia, explicando que o motivo de sua decisão era a sua difícil situação financeira.

Apesar de não ser tema de palestras, a discussão sobre a crise financeira mundial, presente neste momento, ganhou espaço no Congresso Brasileiro de Psiquiatria, realizado em Brasília, no mês de outubro de 2008. As alterações das bolsas de valores, as incertezas do mercado, as perdas de capital, segundo especialistas, podem ter sérios efeitos para a sociedade, que podem ir desde o agravamento de sintomas de depressão e de distúrbios mentais até o aumento do número de casos de suicídio. Há um consenso entre os especialistas: quanto mais uma sociedade coloca dinheiro como um valor maior, mais transtornos psíquicos ocorrem em tempos de crise financeira.

Para Balbino, Miotto e Santos, (apud MOIOLI, p. 105), violência corresponde aos valores determinados pela sociedade, visto que o conjunto de situações que regulamenta a vida cotidiana, influencia o surgimento do indivíduo agressivo. Essas situações correspondem à falta de opções de lazer, de educação, de emprego e estabilidade social. Dessa forma a agressividade inerente ao ser humano não é o único fator constitutivo da violência. Podemos aqui também considerar as ações hormonais já citadas. É importante observar também que a própria organização social estimula diferentes modalidades de violência. Essa violência não só se manifesta por meio de ações concretas, físicas, do mundo externo, mas essencialmente de maneira subjetiva pela ironia, pela omissão, pela humilhação, intolerância e constrangimento.

Essas condutas são verificadas inicialmente na organização familiar, quando a violência se apresenta na forma de repressão sexual, na ausência de afeto e carinho para a criança e o adolescente que depende de emoções equilibradas para seu desenvolvimento psicológico. Em associação com a família, a escola também representa um meio que contribui para a violência, na medida que impede crianças e jovens de ter uma possibilidade real de expressar suas capacidades, castrando a criatividade e interferindo na construção da identidade do adolescente (MOIOLI, 1995, p. 285).

O entendimento para as pessoas do que é certo ou errado a partir da infância, leva ao estabelecimento de convenções e regras sociais. Assim, conforme o processo de adaptação social enfrentado pelo ser humano, a hostilidade ou agressividade é dissimulada por meio de ações socialmente aceitáveis, não dando

possibilidades de expressar abertamente os sentidos agressivos. A agressividade é então contida e reprimida. Essa agressividade oculta é uma emoção que não se expressa por um confronto direto, pois deteriora as relações e as interações humanas. As pessoas que reprimem suas emoções agressivas, não expressando sinceramente seus desejos verdadeiros, com a preocupação de ferir ou magoar o outro, agredem de forma inconsciente a si mesma ou a seus pares, disfarçadamente por meio de ações nobres e afetuosas, se esquivando das reais conseqüências psicológicas causadas por meio de sua conduta. Bach, Goldberg (apud MOIOLI, 2004, p. 93).

Para Cacigal (1995, p. 74), uma combinação de frustrações e estímulos irritantes contribuiu para que o homem aprendesse a responder agressivamente a essas ações. Conclui que, talvez a maior frustração da história da humanidade, e que portanto contribui para a agressão física, mental e comportamental, tem sido a falta de liberdade. A humanidade ainda vive num processo de escravidão.

Já Dadoun (1998, p. 5), faz um traçado do homem a partir do “homo erectus” que no momento em que adquire a posição ereta, lança seu olhar para os territórios a percorrer, conhecer, explorar e conquistar. Seguindo a evolução na escala das espécies humanas, é chamado de “homo sapiens”, isto é, um ser do saber, da consciência, que detém o mais alto grau da inteligência. Esta denominação é até mesmo redobrada em “homo sapiens sapiens” realçando de forma narcisista suas aptidões intelectuais. Cita o filósofo Bérghson que insiste na capacidade de fabricação do homem, partindo do “homo habilis”. Escreve ele:

Se pudéssemos nos despojar de todo orgulho, se, para definir nossa espécie, nos mantivéssemos estritamente ao que a história e a pré-história nos apresentam como característica constante do homem e da inteligência, talvez não disséssemos homo sapiens, mas homo faber.

A partir daí surge um aspecto contraditório pois não existe somente o trabalho, mas um tempo disponível após as diversas atividades obrigatórias e de necessidades básicas, surgindo então o “homo ludens” ou seja o homem que joga, apresentado pelo holandês Johan Hiuzinga, que produziu um dos maiores clássicos sobre o Lazer, dizendo que o jogo preenche uma função tão essencial quanto o trabalho. Aristóteles ao definir o homem como “animal político” indica que o homem

é feito para viver em sociedade. Esta expressão viria a ser traduzida em “homo politicus”, no sentido pleno do termo. Poderíamos continuar ainda com diversas possibilidades de uso do termo “homo”, porém iremos àquele que integra nosso propósito, introduzindo uma característica primordial do homem, sendo considerada mesmo constitutiva deste: a violência. Assim, “homo violens” é o ser humano definido e fundamentado pela violência. Podemos aqui citar diversas formas de imaginar estes indivíduos, seja de forma individual ou coletiva: guerras, assassinatos, torturas, violência para punir a violência, estupros, purificações étnicas, entre outras.

Sendo a agressividade uma manifestação de violências, é conceituada de diferentes maneiras de acordo com as tendências científicas de quem a trabalha e a área de conhecimento que está sendo abordada. Especialmente nas quadras escolares, durante a prática de jogos competitivos e mais especificamente de esportes, é observável durante as disputas, situações de agressão sejam físicas ou simbólicas. Nesse momento o aluno age de imediato, nem sempre tendo tempo para refletir sua ação. É o momento em que agride seu colega de classe, chutando-o, por exemplo, no momento em que está prestes a conseguir um gol. A intenção é impedir a conclusão da jogada, mesmo que de forma violenta, porém, nem sempre achando que foi tão violenta assim. Parece não haver uma idéia exata da extensão do ato. Podemos observar que esta é uma situação também comum nos campos de futebol, entre atletas profissionais.

Para Fromm, (1973, p.251):

Se a agressão humana estivesse, mais ou menos, no mesmo nível que a dos outros mamíferos – particularmente à dos que lhe são mais próximos, os chimpanzés – a sociedade humana seria perfeitamente pacífica e não-violenta. Mas isso não acontece. A história do homem é um registro de extraordinária destrutividade e crueldade, e a agressão humana, parece, sobrepassa de muito à dos ancestrais do homem, sendo este, em contraste com a maioria dos mamíferos, um autêntico “assassino”. Mesmo constatando que alguns animais atacam outros e, por conta disso seriam mais violentos, podemos interpretar o ato como exclusivamente de sobrevivência e inerente à própria espécie. Assim, mesmo sendo a cena de um leão correndo atrás um antílope e, a seguir, devorando-o, bastante “indigesta”, entendemos claramente que é uma lei natural. Por outro lado, verificarmos homens matando homens para dele tirar seu relógio ou seu dinheiro, nos faz pensar quem é o suposto irracional.

Segundo Moiola, (2004, p. 102), uma das dificuldades com a pesquisa nessa área é encontrarmos um consenso quanto à sua definição, pois alguns autores empregam o termo agressão, violência, hostilidade e virilidade para caracterizar diferentes ações ou situações semelhantes, proporcionando uma confusão conceitual para o problema. Entendemos que não há, segundo a interdisciplinaridade, uma situação de contexto. O consenso é o disciplinamento que não leva em consideração o próprio consenso, pois no olhar interdisciplinar temos o exercício das diferenças, o que consiste abandonar as fragmentações de conhecimento, em uma definição que seja válida para qualquer realidade.

De saída precisamos compreender o que é o olhar interdisciplinar. Sem definições à priori entendemos ser aquele que não fragmenta conhecimento durante qualquer estudo ou pesquisa. Ele valoriza a postura e a atitude do examinador sem nenhuma forma de preconceito, levando em consideração o contexto. Valoriza a cultura, a bagagem dos professores, dos alunos, dos funcionários, dos pais e dos envolvidos com o cenário escolar, exaltando o exercício da diferenças. O exercício das diferenças orientado pela pauta interdisciplinar, que não é imposta e apresenta-se sem a fragmentação de conhecimentos, havendo valorização da postura, reconhecendo-se o outro em sua plenitude, exaltando-se a bagagem de vida das pessoas em detrimento de qualquer diagnóstico situacional, sendo que a coisificação das relações é absolutamente descartada.

Voltamos a uma forma bastante comum de análise do significado do termo que é buscar a etimologia da palavra, que tem seu significado a partir do latim “agredidi”, que equivale a aproximar-se, que pode se referir ao estímulo básico do homem na tentativa de obter, descobrir ou investigar, assim como ao ato concreto de agredir, tendo como objetivo a intenção de lesionar outro organismo ou descarregar estímulos nocivos. Além do sentido etimológico, outros conceitos devem ser buscados na tentativa de dar mais sentido à discussão.

A Psicologia Social define agressão como qualquer comportamento que tem a intenção de causar danos, físicos ou psicológicos, em outro organismo ou objeto, sem perder de vista que a intencionalidade é um fator a ser levado em consideração para a interpretação de atos agressivos (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2000, p. 206).

Para Cacigal (apud MOILI, p.10), a principal causa da agressão é a frustração, sendo intenção do agressor causar dano a uma pessoa ou objeto que tenha provocado a frustração.

Em função dos motivos ou das intenções que definem um comportamento agressivo, os psicólogos sociais propõem a necessidade de classificar a agressão em duas formas distintas: agressão hostil e agressão instrumental. A agressão hostil tem como objetivo principal causar dano a uma pessoa ou objeto, especialmente se for utilizada como resposta a uma provocação ou irritação e está ligada a emoções como a raiva e a cólera. Enquanto que a agressão instrumental é caracterizada quando um indivíduo como forma de atingir um objetivo particular, utiliza a agressão para prejudicar, ferir, magoar, insultar, caluniar alguém que possa impedi-lo de alcançar seu objetivo (RODRIGUES, ASSMAR, JABLONSKI, 2000, p. 207). Assim podemos dizer que a agressividade pode ser física ou psicológica, podendo ser considerada como intenção de ferir ou trazer prejuízos a alguém, podendo provocar ferimentos físicos ou morais. Uma das dificuldades que se tem para definir agressão ou violência, é o fato de que a avaliação do comportamento depende da perspectiva adotada para analisá-lo e julgá-lo. Um comportamento considerado justo pelo agressor pode não o ser pelo agredido. O contexto, nesse caso tem também papel determinante, por exemplo, um palavrão na escola pode ser considerado uma agressão, porém, diante da televisão ou no estádio, no momento em que a equipe perde um gol, pode ser considerada normal pela maioria das pessoas. Um soco durante o horário de intervalo no colégio é considerado agressão, porém pode, em uma luta de boxe, levar o lutador a um título olímpico ou mundial.

Segundo Foucault, (1987, p. 87),

Encontrar para um crime o castigo que convém é encontrar a desvantagem cuja idéia seja tal que torne definitivamente sem atração a idéia de um delito. É uma arte das energias que se combatem, arte das imagens que se associam, fabricação de ligações estáveis que desafiem o tempo. Importa construir pares de representação de valores opostos, instaurar diferenças quantitativas entre forças em questão, estabelecer um jogo de sinais-obstáculos que possam submeter o movimento das forças a uma relação de poder (FOUCAULT, 1987, p.87).

Dessa forma, até mesmo a idéia de se considerar infração, esta ou aquela atitude, demanda contextos. Assim a punição ou castigo torna-se também subjetiva a partir da análise dos fatos.

Já Pimenta (apud LILPPELT, 2004, p.25) nos traz, a partir do exemplo usado, que dentro das praças esportivas, as regras sociais se afrouxam, propiciando momentos de transgressões não permitidas nas relações grupais fora do campo de jogo, surgindo então, as trocas de ofensas morais e físicas entre os protagonistas do espetáculo, deixando clara a idéia de que nesse contexto o confronto é inevitável e, para muitos, vale tudo para ganhar.

O mesmo autor ao revisar Magargee e Hokanson, relata que estes questionaram se a agressão é um aspecto inevitável nas relações interpessoais. “Será uma característica fundamental da natureza humana que coloca homem contra homem, um grupo contra outro, uma raça contra a outra e uma nação contra outra nação? Ou existirão formas para promover a harmonia e reduzir a violência?” Para Muioli (2004, p.104), na busca por uma explicação científica para a origem e as causas da agressão humana, alguns psicólogos apresentam quatro teorias básicas: teoria do instinto, teoria da frustração-agressão, teoria da aprendizagem e teoria da frustração-agressão-revisada.

Relata que na teoria do instinto, a agressividade se manifesta por meio de instintos inatos, que podem ser expressos diretamente contra outra pessoa ou deslocado, canalizado por meio de catarse, mediante a prática de ações socialmente aceitas, como o esporte, por exemplo. Outro fato relacionado a agressividade e instintos podem ocorrer nos indivíduos identificados como “supermachos”. Essa designação refere-se ao homem que apresenta alterações genéticas que poderiam justificar certos tipos de comportamento. A alteração genética diz respeito ao cromossomo Y, que define o sexo, e que, nesses representantes da espécie, é duplo, isto é, XYY. Devido a esta alteração, certas características masculinas, como por exemplo agressividade, tornam-se excessivas nessas pessoas. Alguns cientistas tentam com esta descoberta justificar atitudes inclusive de *serial killers*, como falha genética. A freqüência dessa anomalia é de 2 para cada 1000 nascimentos. Verificou-se, porém, que entre criminosos e doentes mentais essa freqüência chega a 3%. A percepção dessa síndrome não é tão simples, pois as pessoas que a apresentam são fenotipicamente normais. Existem, entretanto,

“...algumas alterações que permitem na idade infantil levantar suspeitas da síndrome, com por exemplo, aumento da velocidade de crescimento durante a segunda infância, parada de desenvolvimento intelectual, comportamento explosivo e na maioria das vezes totalmente anti-social e diminuição da força muscular, com dificuldade de coordenação para movimentos finos” (MELO, 2000, p. 102).

Essa agressão associada à natureza do homem é respaldada entre os teóricos que defendem uma base biológica para os comportamentos agressivos. A agressividade então, estaria ligada às causas etiológicas e filogenéticas, como forma de contribuir para a maturação da espécie. (LORENZ, 1974).

A teoria da frustração-agressão, também chamada de teoria do impulso, segundo Dollard, (apud WEINBERG, GOULD, 2001) propõe que a agressão é o resultado direto em consequência de uma frustração ou objetivo não atingido. Para essa teoria a idéia principal é que a resposta agressiva é resultado de um impulso básico motivado por condições externas.

Ao revisarem seus estudos a respeito dessa teoria, Rodrigues, Assmar, Joblonski, (2000, p. 82):

[...] sugerem que os seres humanos podem ter uma tendência inata para agir de forma agressiva contra determinados estímulos ou situações sociais que despertam algum tipo de provocação, porém, se o ato agressivo vai ou não acontecer, depende de diferentes variáveis, entre elas os aspectos culturais.

A teoria da aprendizagem social mostra a agressão como um comportamento aprendido, observando a conduta de outros, reforçando a exibição de atitudes semelhantes. Pessoas que exercem um papel significativo na sociedade ou grupo servem de modelo para reforçar e ensinar comportamentos agressivos.

A imitação e o reforço são mecanismos que aceleram o processo de aprendizagem, na medida, por exemplo, em que a criança observa outras pessoas de relevante influência na vida cotidiana. As pessoas com maior prestígio, importância e poder servirão de modelo para a criança imitar.

Na teoria da frustração-agressão revisada, (MOIOLI, 2004, p. 142), uma frustração tem probabilidade de levar à agressão, mas nem sempre isso ocorre. A agressão só ocorre quando os níveis de raiva e excitação aumentados combinarem com uma aprovação social para a agressão.

Ainda no campo conceitual, ao revisarmos Bourdieu e Foulcaut, encontraremos respectivamente as violências simbólicas e concretas.

Já Bourdieu, (1999, p. 8) trata violência simbólica como:

[...] violência suave, insensível, invisível à suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de aprender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado, de uma língua (ou maneira de falar), de um estilo de vida (ou uma maneira de pensar, de falar ou agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele. (BOURDIEU, 1999, p.8)

Vieira, (1994, p. 84) faz alusão à violência simbólica ao abordar também a violência material, sendo esta exercida por grupos e classes dominantes sobre grupos e classes dominados, alimentando a dominação cultural. Chama de violência simbólica esta dominação cultural, tratando como expressão de violência simbólica a arte, a religião, os sistemas de ensino, a propaganda, a opinião pública construída pelas mídias, a literatura... Assim a violência da vida econômica sustenta a violência cultural.

Há ainda a preocupação de se entender simbólico como oposto de real, supondo-se que a violência simbólica seria uma violência meramente espiritual e sem efeitos concretos e reais (BOURDIEU, 1999).

O mesmo autor, (p. 51) a partir daí diz que,

[...] os atos de conhecimento e reconhecimento práticos da fronteira mágica entre dominantes e os dominados, que a magia do poder simbólico desencadeia, e pelos quais os dominados contribuem, muitas vezes à sua revelia, ou até contra a sua vontade, para sua própria dominação, aceitando tacitamente os limites impostos, assumem muitas vezes a forma de emoções corporais – vergonha,

humilhação, timidez, ansiedade, culpa – ou de paixões e de sentimentos – amor, admiração, respeito-; emoções que se mostram ainda mais dolorosas, por vezes, por se traírem em manifestações visíveis, como o enrubescer, o gaguejar, o desajeitamento, o tremor, a cólera ou a raiva onipotente, e outras tantas maneiras de se submeter, mesmo de má vontade ou até contra a vontade ao juízo dominante ou outras tantas maneiras de vivenciar, não raro com conflito interno e clivagem do ego, a cumplicidade subterrânea que um corpo que se subtrai às diretivas da consciência e da vontade estabelece com as censuras inerentes às estruturas sociais.

Perez, (2006, p. 8), faz a abordagem de violência concreta como manifestação de “força, pela dor, pelo sofrimento, ou em relação à perda de bens materiais e ou a sua destruição”. Cita ainda o surgimento de pesquisas sobre uma violência intermediária, pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa Podis - Poder e Disciplinamento nas Instituições Escolares de Sorocaba apontando um novo paradigma sobre violência, isto é, entre a violência simbólica e a concreta existe outra violência que podemos chamar de intermediária.

Essa modalidade intermediária aproxima as diferenças e assume papel de catalisador, engrandecendo os estágios de atrito e definindo as modulações de violências, provoca maior intensidade de destruição: reúne o concreto e explica o simbólico. Esta violência agrega o simbólico e examina o concreto, dando a este último, corpo e existência. A violência intermediária não é só um espaço, é como uma linha vertical. Aproxima as diferenças. Basicamente reúne o concreto e explica o simbólico. A discussão deste tema é ainda bastante recente.

Diante dos diferentes conceitos apresentados acreditamos na possibilidade de uma melhor compreensão desta questão e mesmo sem desprezar aquilo que até aqui encontramos, concordo com Medrado, (2005, p. 6), que declara que

subtrair os aspectos socioeconômicos, políticos e culturais da conceituação sobre violência é negligência investigativa, torna a questão mais opaca, menos observável. Neles não se esgotam as preocupações contudo, por via deles, reivindicamos a inconclusividade do termo violência.

3 VIOLÊNCIAS E ESPORTE

Este capítulo tem como objetivo conceituar o termo esporte. Busca também apresentar situações de violência no esporte e especificamente do esporte, assim como outras que reconhecemos nos campos de futebol e sua relação com o ambiente escolar, principalmente nas aulas de educação física e campeonatos escolares, sejam eles internos, isto é, de uma mesma escola ou interescolar, envolvendo equipes de outras instituições escolares.

Tratar do termo Esporte e sua abrangência não nos parece tarefa fácil, principalmente pelo uso da palavra e seus significados. É comum encontrarmos sua utilização até mesmo de forma depreciativa. Quantas vezes não ouvimos alguma pessoa dizer que trabalha por esporte, dando uma idéia completamente antagônica de um ou outro, levando-nos a imaginar um sentido de prazer em sua prática, sem analisar tudo que o envolve? Claramente acredito no ideal de se trabalhar naquilo que gosta, que dê prazer e logicamente conseguir seu sustento a partir daí. Não me parece assim tão simples, pois muitas vezes nos sujeitamos a trabalhos pela

pura necessidade da remuneração. O termo esporte nessa condição de prazer, se alia ao lazer, que tem suas práticas no tempo disponível das pessoas.

Alguns conceitos podem nos dar uma melhor idéia de seu significado.

O esporte de rendimento visa à competição, entendida como um processo de identificar o vencedor, o melhor, de verificar o alcance de normas e critérios, de classificar e premiar segundo resultados alcançados. O esporte como conteúdo da educação física, por sua vez, visa a aprendizagem, ou seja, a um processo contínuo de autoaperfeiçoamento, em que o resultado é uma consequência do processo. Dentro dessa perspectiva, a competição é um processo que possibilita a avaliação da capacidade, a afirmação de possibilidades, a superação de outros e de si próprio e a busca do aperfeiçoamento (TANI, 1988, p.103).

Esta conceituação nos passa a idéia da diferenciação do uso do esporte em diferentes contextos, porém, é muito comum encontrarmos situações, principalmente no âmbito escolar, do uso do esporte como fim em si mesmo.

O esporte caracteriza-se como atividade, realizada em forma de jogo (no sentido de que não há certeza absoluta antecipada do resultado), em que duas ou mais pessoas colocam em confronto determinadas habilidades específicas, as quais envolvem a motricidade em condições e limites espaço-temporais preestabelecidos, competindo segundo regulamentos, normas e procedimentos reconhecidos, registrados e controlados publicamente por órgãos oficiais competentes, sendo o resultado de tal confronto passível de comparação com resultados verificados em outras competições similares. Como exemplo desses órgãos podemos citar a FIFA e a FIBA, organizadoras do futebol e basquetebol respectivamente. A atividade esportiva, individual ou coletiva, pode ser realizada como trabalho remunerado, constituindo-se em meio de vida de seus praticantes, como forma de lazer ou como parte de processos educacionais ou de treinamento, tendo, portanto, estreita relação com as quadras esportivas escolares.

3.1 Violência no esporte

Se nos reportarmos ao início do olimpismo, (KOLYNIK, 1995, 82) veremos que o esporte foi utilizado como auto-afirmação dos povos, da eugenia, da

superioridade de raça - basta aqui lembrarmos das Olimpíadas de Berlim em 1936 e mesmo posteriormente das lutas por medalhas no período da Guerra Fria entre URSS e USA - nesse contexto fica clara a apropriação do esporte pela política.

Uma das claras violências relacionadas ao esporte de maneira geral, trata-se das questões de gênero. Desde as primeiras Olimpíadas, a mulher sequer podia assistir aos jogos, sendo estes de participação exclusiva dos homens. Nos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna esta situação permanecia, sendo que as mulheres tiveram sua primeira participação como atletas nesse evento no ano de 1900, na segunda edição dos Jogos. Participaram dezesseis mulheres e mil e setenta e seis homens.

Logicamente que esta questão envolve outros aspectos e segmentos da sociedade, principalmente, como visto ainda hoje, ao mercado de trabalho. Mais adiante teremos uma abordagem mais específica sobre o tema.

Há que se considerar ainda as diferentes modalidades sendo que algumas, nos Jogos Olímpicos, ainda são consideradas especificamente para homens ou mulheres, como é o caso do Nado Sincronizado para as mulheres e o boxe, para este tipo de evento, somente para os homens. Outras modalidades, depois de muitas lutas, buscam a participação efetiva de mulheres. O voleibol, historicamente foi uma modalidade tida como feminina, sendo que há algumas décadas os homens que praticavam esta modalidade eram taxados de homossexuais. Caso semelhante vem acontecendo, principalmente em nosso país com o Futebol Feminino que, mesmo tendo por dois anos seguidos, a brasileira Marta como melhor jogadora do mundo, numa premiação promovida pela FIFA, continua sendo tratado com sérias restrições. Em se tratando do Brasil, esta questão fica bem acentuada, pois sempre fomos chamados de “o país do futebol”, porém, masculino. A prática do futebol por mulheres vem sendo motivo de muita discussão e a aceitação por parte do público masculino bastante restritiva.

3.2 Violência do esporte

Ao tratarmos da violência nos diferentes esportes e seus reflexos, não podemos deixar de abordar aqueles tidos como violentos concretamente. Casos de

alguns tipos de lutas, que mesmo com equipamento de proteção, podem levar os competidores a lesões sérias. O Boxe, principalmente o profissional, não permite o uso de protetores para a cabeça, o que levou vários atletas inclusive a óbito durante lutas. É bastante comum nos praticantes desta modalidade, ocorrerem sérios problemas de saúde depois de alguns anos de prática, devido principalmente às agressões sofridas na região da cabeça. Diversos distúrbios neuromotores são encontrados com facilidade. Exemplo disso é o de Cassius Clay, mais tarde Mohamed Ali. Uma lenda que agora luta contra estes problemas.

Outra modalidade que vem ganhando adeptos e cada vez mais recebendo altos investimentos de patrocinadores é o “Vale Tudo”, luta em que dois oponentes ficam dentro de uma “jaula”, com algumas restrições de golpes nas partes baixas. Dificilmente ocorre uma luta sem que haja sangue exposto aos expectadores e telespectadores. Podemos então considerar estas modalidades como esporte? E como discutir com nosso aluno, na escola, seu reconhecimento como modalidade esportiva? Já que são considerados esportes, podemos aplicá-los na escola, uma vez que este faz parte do conteúdo da Educação Física?

Uma vez que os meios de comunicação social vêm dando ampla cobertura ao esporte de competição profissionalizado, as práticas predominantes neste tendem a constituir-se em modelos para os praticantes do esporte em outras esferas, em especial na escola e em situações de lazer (clubes, grupos informais, entre outros). Segundo Rosário, 2008, a Rede Globo atinge 99,43% de cobertura no território nacional. Em sua grade, além dos programas esportivos específicos e transmissão de jogos, há também a inserção do esporte em todos os telejornais e eventualmente em novelas, comerciais, entre outros, garantindo uma efetiva entrada nos lares brasileiros.

Nas TVs por assinatura, alguns canais têm sua programação 100% voltada ao esporte. O SporTV, vinculado à Rede Globo, tem uma programação mais voltada ao cenário nacional, transmitindo também grandes eventos internacionais. Já o ESPN, aparece em três versões: ESPN Brasil, o Deportes e o ESPN.com. , apresentando uma programação esportiva mais diversificada, mostrando modalidades não tão comuns aos brasileiros, tais como Rúgbi, Futebol Americano, entre outros. Para termos um parâmetro, analisando a programação, encontramos no SporTV, 37% da programação específica voltada ao futebol. Este índice aumenta, principalmente nos finais de semana, com a transmissão de jogos ao vivo.

Já no ESPN Brasil, esta porcentagem sobe para 46% da programação diária. Logicamente que estes indicativos se alteram nos períodos de grandes eventos esportivos, como Jogos Panamericanos, Olimpíadas ou mesmo a Copa do Mundo de Futebol.

Assim sendo, atitudes de atletas mundialmente conhecidos tendem a ser imitadas, principalmente por crianças e adolescentes. Dentre tais atitudes, encontram-se aquelas que revelam aspectos destrutivos da competição esportiva, como a violência, a utilização de recursos para burlar as regras, o individualismo, o “estrelismo”, entre outros. A assimilação dessas atitudes e a sua explicitação em atividades esportivas amadoras representam um obstáculo para que a prática esportiva possibilite aos seus participantes, experiências de convívio cooperativo e integrador, nas quais se valoriza a estética da motricidade individual e grupal, o exercício e desenvolvimento de capacidades e habilidades motoras, os benefícios à saúde, e não apenas o resultado final.

3.3 Mercantilização do futebol

Esta etapa fala mais especificamente sobre o futebol, como um de nossos principais objetos de estudos.

Antes de aprofundarmos a discussão sobre o futebol, se faz necessário a diferenciação entre esporte e jogo. Esporte como vimos, é uma modalidade vinculada a órgãos oficiais que o regem. Assim, as regras dos esportes são as mesmas em qualquer evento oficial do mundo, seja ele o campeonato amador de futebol de uma cidade do interior brasileiro ou a final da Copa do Mundo, organizada pela FIFA. Já jogo, é também uma atividade também regida por regras, porém que podem ser modificadas e adequadas de acordo com a situação. Especificamente no contexto da Educação Física escolar, várias são as classificações dos jogos: jogos de pegar, de invasão, de rede, entre outros. Os esportes são considerados jogos, em função de suas regras e dos aspectos de competitividade, porém nem sempre um jogo é considerado esporte, por não ter suas regras e espaços vinculados a um órgão dirigente maior, que o faça comum durante sua prática. Os jogos têm suas regras mutáveis e adaptáveis de acordo com a situação.

Falando mais especificamente, os jogos de futebol que normalmente dão grande audiência televisiva, são marcados não a partir dos aspectos de rendimento

e até mesmo de saúde dos atletas, mas principalmente do que for mais conveniente aos patrocinadores e suas mensagens. Quantos jogos, principalmente de Copas do Mundo de Futebol, não ocorrem em horários absurdos em termos de rendimento e performance, com início às 11 h, 12 h ou 13 h, com temperaturas, dependendo do país sede, que muitas vezes ultrapassam os 40 graus centígrados? Assim, podemos dizer que os interesses econômicos são os mandantes do “jogo”.

Ao estudarmos os casos referentes às situações de mercantilização fica clara sua participação não somente nos equipamentos usados pelos atletas, seja durante um jogo – propaganda nas camisas, com divisões de valores inclusive no espaço da estampa, isto é, no espaço de maior visibilidade às câmeras das TVs, na frente ou atrás do uniforme e até mesmo na mangas das camisas, muitas vezes nos calções e também nas meias ou em outras vestimentas, dependendo da modalidade, como também fora dos gramados, seja em programas de televisão, entrevistas, aparições públicas, entre outros. Mesmo fora do futebol, um exemplo extremo desse espaço de propaganda é o uniforme dos pilotos de corrida de carros, principalmente de Fórmula 1. Mal conseguimos identificar a cor de seu “macacão”. Além desses aspectos, há vários outros subliminares, tais como gestos que simbolizem determinado produto. Os indivíduos que acompanham principalmente o futebol, com certeza lembram-se de alguns atletas com destacada atuação, que para comemorar um gol convertido, elevavam o dedo indicador, numa clara alusão à “cerveja número 1”.

Outro aspecto desta “coisificação” é a vida particular das pessoas envolvidas nesse meio. Em quaisquer locais em que estejam normalmente são cobrados por seus patrocinadores, para que estejam usando ou divulgando seus produtos. Tomarei como base a análise de um caso curioso acontecido comigo, que retrata a situação. No ano de 1999, fui técnico de futebol feminino da equipe do Paulista F.C. de Jundiaí. Por se tratar de uma novidade e com a introdução da modalidade nos Jogos Regionais e Abertos do Interior, houve uma boa repercussão na região, com interesse da mídia televisiva. À época, me apresentaram o Sr. Antonio (nome fictício), representante de uma grife de roupas com grande penetração entre os futebolistas. Após algumas conversas acertamos um patrocínio para que eu usasse roupas da marca, que me seriam fornecidas mensalmente. Recebia todo tipo de vestimenta: de sapato a boné, sendo este, de vários modelos. Eu era “obrigado” a usar na maioria dos ambientes possíveis: treinos, jogos, entrevistas... O fato curioso

se deu em meu aniversário, em que reuni um grupo de amigos e familiares para comemorar. Eu trajava sapatos, meias e calça da referida marca. Em determinado momento, o Sr. Antonio, que estava presente, me chamou de lado e perguntou: - “Por que é que você não está usando a camiseta da nossa marca”? Fiquei completamente sem jeito e tentei justificar, afinal estava dentro de minha casa. O assunto continuou na semana seguinte, com alguns ajustes em nosso “contrato”. Analisando este caso, que se referia a uma pessoa de repercussão restrita, regional, fico a imaginar, confrontando com estudos realizados, o quanto esportistas de renome internacional tem muitas vezes têm suas vontades violentadas.

Após esta leitura, podemos perceber que refletir sobre estes aspectos e sua reprodução nos meios escolares, é elemento importante. Os gestos ou uso de roupas e equipamentos estão também associados ao ambiente escolar? Como se manifestam? Se há esta relação, que outros tipos de violências podem suscitar? E´ específico das quadras esportivas?

Betti, (apud DARIDO, 2006, p.18), nos diz que “Assim como às demais disciplinas escolares, caberá à Educação Física manter um diálogo crítico com a mídia, trazendo-a para dentro da escola a fim de promover a discussão e reflexão”.

O mesmo autor, (p.19), complementa o assunto:

Também pela mídia são vinculados valores a respeito de padrões de beleza, corpo perfeito, estética, saúde, sexualidade, desempenho, competição exacerbada e outros. Tais temáticas são preocupações comuns a todo jovem e devem estar presentes no contexto escolar, de tal modo que os conhecimentos construídos possibilitem uma análise crítica dos valores sociais, que acabam por se transformar em instrumentos de exclusão e discriminação social.

3.4 A importância do conhecimento dos alunos sobre o corpo

Num primeiro momento a abordagem do tema abaixo descrito pode parecer desconectada do foco principal de nosso trabalho que se refere mais especificamente à mídia televisiva e a escola, porém a ligação entre ambos se fará ao abordarmos as quadras escolares. Tratar deste assunto e relacioná-lo à escola, parece algo distante, porém não é incomum encontrarmos alunos que ao participarem de competições em nível escolar, lançam mão dos mais diversos tipos

de artimanhas, até mesmo dopagem, tentando obter vantagens sobre seus oponentes.

Segundo Kolyniak, (1994, p. 83) se analisarmos friamente, o atleta, vende o seu corpo. Em nome de um máximo rendimento, para alcançar uma determinada performance, permite que decidam em seu lugar. Acredita numa tecnologia, numa ciência dos esportes e a estes entrega seu corpo, seus desejos, sua vontade, seus pensamentos. Como representante de tal tecnologia, está uma pessoa ou grupo técnico, os quais supostamente detêm e são depositários de todo saber.

Dizer que este aspecto de apropriação dos corpos dos atletas é uma novidade, infelizmente não é verdade. João Saldanha, (apud VARGAS, 1995, p.115) diz que o Brasil ganhou as Copas do Mundo de Futebol em 1958 e 1962, graças ao talento do futebol brasileiro, pois a estrutura oferecida à época era anárquica e espontaneísta, com campeonatos sem calendários fixos e que na busca insaciável por dinheiro, os “cartolas” programavam três ou mesmo quatro jogos por semana. Os problemas físicos que surgiam eram resolvidos à base de medicamentos de ação rápida que seriam simplesmente para colocar o atleta em campo. Foi a fase áurea das “infiltrações” em joelhos e tornozelos, que prejudicariam sobremaneira a vida útil dos atletas”.

Ainda o mesmo autor (p.116) ilustra,

As amídalas do goleiro que estão inflamadas e formam um foco de infecção muito sério a agravar qualquer lesão de pancada, terão que esperar até janeiro. A verminose do outro, que veio do Nordeste com tudo que se possa imaginar, desde o ascarídeo até a esquistossomose, irá ser tratada apenas com um purgantinho para livrar das cólicas. A sífilis do terceiro, que nem exame de sangue precisa para ser diagnosticada, pois basta olhar, será tratada em meio à movimentação comum (...). O treinador de futebol brasileiro é, de modo geral, um acomodado. Sabe que está tudo errado. Violentamente errado. Às vezes até protesta contra a estúpida programação ininterrupta que é antinatural, anti-humana e burra. Mas, ou pela necessidade do emprego ou pela pura e simples acomodação, aceita tudo e vai levando. Existem uns que até, com ostensivo puxa-saquismo, elogiam nossa organização esportiva (VARGAS, 1995, p.116).

Refletir, portanto, sobre as condições impostas aos atletas, nos parece tarefa não somente das pessoas ligadas ao futebol, mas também do professor de Educação Física, nas quadras esportivas escolares, tratando de aspectos de saúde

que extrapolam o profissionalismo e invadem também o amadorismo e, porque não o esporte escolar. Essa discussão torna-se importante na escola, a partir do momento em que se abordam principalmente as situações de saúde e preservação do corpo não somente por um atleta em potencial, mas também pelo cidadão comum, que possa vir a ser um praticante de atividades físicas, sejam elas esportivas ou não, buscando uma vida ativa e saudável. A prática abusiva de atividades ou ainda a ingestão de substâncias sem uma orientação adequada podem trazer sérios prejuízos não somente ao atleta mas também ao aluno praticante de qualquer modalidade. Estes excessos são abordados pela mídia, ao tratarem, por exemplo, do excesso de partidas de uma determinada equipe num curto período de duração. Também os alunos devem preocupar-se com o exagero nas atividades, evitando assim situações de lesões em função de fadiga muscular.

Abordando ainda os aspectos de saúde, houve grande evolução no esporte no que se refere à proibição de substâncias estimulantes, consideradas dopantes. Por muito tempo este recurso foi utilizado, principalmente em equipes consideradas pequenas, tentando levar o atleta a níveis de eficiência, principalmente física, que possibilitasse grandes atuações e posteriormente negociações, isto é, a venda deste jogador como uma mercadoria, para equipes de maior projeção. Logicamente, seguindo a máxima de que esta é uma transação em que todos levam vantagens. Fato este, discutível. Muitos são os casos em que estes atletas, após mudança de equipe, deixam de ter um rendimento satisfatório, em função de haver uma maior controle do clube e mesmo da obrigatoriedade de exame antidoping, nos principais campeonatos do mundo. Para ilustrar esse assunto, basta lembrarmos do caso de Diego Armando Maradona, considerado um dos maiores jogadores de futebol do planeta, que “foi pego” no antidoping, da Copa do Mundo de Futebol e que teve, a partir desse episódio, praticamente decretado o final de sua carreira. A exploração do caso pela mídia foi ampla e as discussões a seu respeito vieram também para o ambiente escolar. Alunos passaram a questionar a genialidade do atleta, vinculando sua habilidade ao uso de substâncias ilícitas.

Podemos claramente observar os reflexos destes casos nas quadras escolares, principalmente a partir das diferentes hipóteses levantadas pelas mídias, que levam nossos alunos a reflexões sobre a validade ou não, em se tratando de performance, da utilização de elementos ilícitos e que podem, a qualquer momento, interromper a continuidade de um trabalho ou mesmo de atividades de lazer.

Atualmente há uma relação de substâncias proibidas, emitida pela FIFA, que coloca os departamentos médicos das equipes em estado de alerta. Mesmo medicamentos considerados simples, como analgésicos ou antigripais comercializados abertamente, se ministrados, devem ser citados pelos médicos em relatório específico, antes das partidas, procurando evitar futuros problemas.

Hoje, os assuntos médicos são abordados com mais seriedade pois o cuidado passou a ser muito maior, por conta de uma outra situação que violenta o atleta: o fato deste ser comparado a uma mercadoria, de ter um valor que pode variar a partir não só de sua qualidade técnica mas também do seu aspecto físico. Muitos futebolistas são “desvalorizados” por apresentarem constantes contusões ou terem antecedentes de dopagem. Mesmo com todos os cuidados médicos, alguns fatos nefastos quanto à violência do corpo têm acontecido, não só no Brasil, mas também em gramados europeus: a morte de atletas em função de problemas, principalmente cardíacos pré-existentes. Mais recentemente tivemos o caso do atleta “Serginho”, da equipe do São Caetano, que veio a falecer após apresentar problemas durante uma partida contra o São Paulo F. C. Mesmo com o afastamento do médico da equipe, até hoje, não se comprovou se o atleta tinha ou não conhecimento desse fator, que fatalmente o impediria de continuar praticando a modalidade. Segundo a família, ele nada teria comentado, deixando dessa forma, toda a responsabilidade para o departamento médico. Este se defendeu dizendo que em exames realizados no Instituto do Coração, em São Paulo, nada havia sido detectado. Obviamente que surgiram algumas ações, como a obrigatoriedade de desfibriladores durante as partidas, algumas punições, algumas reflexões, mas sabemos que poucos são os dirigentes que realmente levaram a sério este grave problema.

Não é incomum encontrarmos nas escolas alunos que usam substâncias dopantes para a participação em competições. As implicações destes casos nas escolas são normalmente complexas, pois normalmente, além do afastamento dos alunos dos eventos esportivos, há ainda a posição a ser tomada também pela equipe diretiva e o reflexo nos demais alunos. Além disso, devemos analisar também as implicações quanto a aspectos de saúde. Usar exemplos de atletas que tiveram sua carreira prejudicada por dopagem, ou ainda suspensos de competições e tendo o nome manchado, pode ser uma forma de alertar o aluno/atleta do risco que corre.

Um caso interessante, que merece análise, retratando o impacto da mídia na abordagem do tema, aconteceu em um colégio do Residencial Alphaville, na cidade de Santana de Parnaíba, poucas semanas após o falecimento do jogador da equipe do São Caetano. Durante um “simples” torneio interclasses, realizado durante o horário de intervalo entre as aulas, um aluno pediu que a partida fosse interrompida, pois seu coração havia “disparado” e que ele não mais jogaria, por ter medo de morrer. E saiu do jogo. Logicamente que o fato permitiu que nós, professores de Educação Física desta turma, trabalhássemos nas aulas seguintes os diversos aspectos inerentes ao assunto e discutíssemos a relação esporte e saúde. Pode parecer até mesmo engraçado, mas o fato nos leva a uma atenção e preocupação maiores, pois há alguns anos o exame médico obrigatório em escolas foi abolido, isto é, deixou de ser obrigatório. Com o risco cada vez mais eminente de doenças cardíacas, mesmo não sendo comum em pessoas jovens, se faz necessário repensar o assunto, dando tranquilidade tanto ao professor quanto aos alunos.

Tani, (2002, p.110/111), descreve:

Certamente, a contribuição do esporte rendimento para a manutenção ou promoção da saúde é altamente questionável, da mesma forma que a prática do esporte rendimento orientada por princípios do esporte para a promoção da saúde o é para produzir resultados competitivos. Isso porque, em relação à saúde, várias consequências indesejáveis podem ocorrer de uma opção inadequada, ou seja, a busca do máximo de rendimento, quando o apropriado seria ótimo. Como no caso de a obtenção do resultado cada vez melhor transformar-se em obrigação ou obsessão, levando até a adoção de recursos e procedimentos que comprometem a sua promoção. Como bem se conhece, o doping é um recurso amplamente difundido no esporte rendimento. Além disso, a sobrecarga fisiológica por treinamentos intensos pode acarretar esgotamento físico, comprometimento da estrutura osteomuscular e lesões físicas agudas ou crônicas, entre outros efeitos prejudiciais à saúde .
(TANI,2002,P.110/111)

Levar esta discussão para as quadras escolares se faz necessário. O aluno precisa ter ciência do que pode ou não ocorrer com seu corpo a partir de cargas excessivas de treinamentos. Compete, pois, ao professor de Educação Física

provocar seus alunos para interpretarem até onde esta violência ao corpo pode ser significativa.

Segundo o referido autor, fica claro que o esporte de rendimento está muito mais relacionado a resultados e performance, do que à saúde. Assim, o slogan lançado há tempos por órgãos públicos de que esporte é saúde, torna-se bastante discutível. Esse slogan, que ainda é comumente manifestado na mídia, principalmente televisiva, não deixa claro se faz alusão a aspectos do esporte enquanto prática informal ou formal, não os diferenciando e, a meu ver, tentando passar uma mensagem mais visando fidelizar o telespectador aos programas esportivos, do que propriamente buscar informá-lo. Essa maneira de ver o futebol, influenciada pela mídia, tem levado nossos estudantes não só a praticar a modalidade, como também ao uso, como veremos mais adiante, de uma linguagem e jargões próprios da modalidade.

Trata-se por esporte, qualquer tipo de atividade física, o que como já vimos, não condiz com a verdade, havendo assim uma banalização e até porque, podemos considerar atividade física qualquer ato que despenda gasto de energia. Então, o simples fato de nos movimentar, mesmo que sentados, nos levam a isso. A diferença está entre a atividade física aqui citada e a atividade física sistematizada, que tem objetivos específicos dentro de uma aula ou treinamento, despendendo maior gasto de energia.

Importante salientar que a energia capacita a pessoa a qualquer trabalho. É, segundo Bompa (2002, p. 21), “um pré-requisito necessário para a realização de trabalho físico durante treinamento e competições.” Podemos entender que adquirimos energia a partir da conversão dos alimentos em componentes conhecidos como Adenosina trifosfato (ATP).

O mesmo autor, (2002, p.21) relata que,

A energia necessária para a contração muscular é liberada pela conversão do ATP em ADP + P (Adenosina difosfato + Fosfato). Como uma ligação fosfato é quebrada por hidrólise em ADP + P, a energia é liberada. Há uma quantidade limitada de ATP armazenada nas células musculares que precisa ser reposta e estocada continuamente para facilitar a seqüência de atividades físicas (Bompa 2002, P. 21).

Devemos então transmitir ao nosso aluno, no ambiente da escola a diferença do treinamento sistematizado e atividade física e suas implicações nos aspectos de saúde.

3.5 O atleta, uma mercadoria

O sonho de muitos jovens em idade escolar, alunos dos mais diversos níveis, de virem a se tornar um atleta de futebol profissional, mostrados principalmente pela mídia televisiva como milionários e com status de deuses, nem sempre inclui a percepção daquilo a que devem sujeitar-se nessa trajetória. Observam somente o momento atual de grandes craques, sem um conhecimento maior da realidade, principalmente do futebol brasileiro. No Brasil, segundo Maia (2008, p.34), dos atletas que se profissionalizam, 45% ganham salário mínimo, 13,5% recebem mais do que R\$ 3,5 mil, diferentemente do craque Kaká, do Milan, que recebe anualmente 9 milhões de euros. Dos 16 milhões de brasileiros praticantes, cerca de 20 mil se profissionalizam. Nesse aspecto, a televisão ao mostrar os grandes craques, passa a fazer parte dessa construção do imaginário do futebol.

A busca pelos títulos que sempre foi tão cobrada, passou a ser um momento de exposição, onde o mundo do futebol está de olho buscando novas mercadorias. É comum termos times completamente desmontados após a conquista de campeonatos. Isso se dá principalmente com equipes do interior, consideradas pequenas, que não conseguem manter os mesmos resultados por um ou dois anos seguidamente. Muitos clubes já têm em seu nome o termo “Ltda”, por se tratarem de empresas. Estas transformações dos clubes em empresas se deram a partir da Lei 9.615/98, chamada de “Lei Pelé”, que estimulou a transformação dos clubes em empresas, seguindo um modelo ocorrido na Espanha, como forma de salvar os clubes da decadência econômica. Lá, porém, a lei veio acompanhada de uma série de incentivos fiscais aos clubes, o que não ocorreu por aqui. A legislação instituiu normas gerais ao desporto brasileiro, abrangendo práticas formais e não formais, inspiradas na Constituição. O ponto mais questionado é sobre a mudança da lei do passe, que, segundo os dirigentes de clubes, contribuiu para o enfraquecimento dessas entidades e o êxodo de jogadores cada vez mais jovens para o exterior. Isso porque a lei prevê o fim do vínculo do atleta com o clube. Em dois anos os jogadores deixam de ser propriedades dos clubes. Em relação a aspectos educacionais, dentre

outras uma proposta encaminhada À Câmara dos Deputados, obriga os clubes a darem acompanhamento escolar, ficando responsáveis por garantir vagas nas escolas, horário para estudos compatível com os treinos, bem como acompanhar freqüência e rendimento.

Uma outra estratégia surgida recentemente por parte dos donos dessas “empresas”, é a ampliação de seus negócios com a compra de filiais principalmente na Europa, o que facilitaria a exposição das “mercadorias” em um mercado altamente consumidor desse produto. Em reportagem do Jornal de Jundiaí, (10/02/2008, Caderno de Esportes), os dirigentes da equipe do Guaratinguetá Futebol Ltda., relatam o interesse em comprar uma equipe da 2ª divisão da Bélgica, Espanha ou Portugal, a um custo aproximado de 12 milhões de euros. O presidente da equipe diz não achar o valor tão alto assim e que com isso, eliminaria a figura do empresário, deixando os jogadores com mais visibilidade para negociações mais rentáveis. Essa perspectiva se dá pelo fato da equipe ter apenas dez anos de atividade e estar na 1ª Divisão do Campeonato Paulista, considerado o mais forte dos campeonatos regionais em nosso país. Outro fato relevante é o fato de após oito rodadas, a equipe estar em segundo lugar na competição, com vários atletas já chamando a atenção de empresários e grandes clubes do Brasil e exterior.

Já Sanchez, (apud REIS, 2006, p. 2,) esclarece que:

[..] O esporte não é exercício físico entendido como jogo, nem sequer já como espetáculo catalisador de paixões e rivalidades, é um produto de consumo, um meio fantástico de publicidade, e por que não dizer, um grande negócio e um instrumento de poder e de influência social

Mesmo com todos estes aspectos altamente divulgados além de outros tantos problemas, tais como atletas que são levados precocemente aos mais distantes países, muitas vezes sem qualquer tradição no futebol, declarações de más condições de sobrevivência, descumprimento de contratos, entre outros, o sonho de tornar-se atleta profissional fala mais alto. A idéia de tornar-se uma mercadoria de maior projeção e mais valorizada permanece.

Relacionando o fato com o esporte escolar, principalmente no âmbito das escolas particulares, já há algum tempo um fato no mínimo interessante vem acontecendo: o oferecimento de “bolsas de estudos” para alunos que se destaquem

pela sua habilidade em determinada modalidade. Isso ocorre pela crescente valorização dos torneios e campeonatos interescolares organizados por empresas particulares de promoção de eventos e pela decadência destes quando organizados pelas Secretarias de Educação das cidades.

No caso das escolas particulares, há o envolvimento de patrocinadores, apresentação de shows, de cobertura pela mídia, principalmente televisiva, que reserva um programa exclusivo para apresentação dos jogos nacionais e internacionais, reapresentação dos melhores lances do jogo, destaque para as torcidas, entrevistas inclusive no ambiente escolar, de premiação inclusive em dinheiro, enfim, de algo que leva os alunos a sentirem-se como atletas profissionais. Dessa forma, algumas escolas passaram a negociar com os alunos que se destacam, para tê-los em seu quadro discente e, logicamente, que façam parte de suas equipes trazendo resultados que a coloquem em destaque nesse meio, como uma entidade que apóia o esporte, que incentiva sua prática, tendo retorno, além da exposição midiática, isto é, tem seu nome veiculado junto aos jovens em idade escolar e que, de alguma forma, tem condições de optar por estudarem nesta ou naquela escola.

Os resultados positivos das equipes escolares, surgem como uma propaganda gratuita, numa mídia de forte penetração, para um público específico e que poderá ter como retorno, um maior número de matrículas nos próximos anos. Algumas escolas, principalmente na cidade de São Paulo, mantêm convênio com clubes profissionais de diversas modalidades, oferecendo Educação aos alunos, porém “utilizam-nos” como atletas nas diversas competições. O nível destes eventos cresceu tanto, que alguns tomaram vulto mundial.

A Copa Fox Kids, patrocinada por uma emissora de TV, promove simultaneamente campeonatos de Futebol Suíço (futebol com a participação de sete atletas por equipe), em diversos estados e países. Após a fase regional, os campeões do masculino e feminino enfrentam-se na fase estadual. Assim, as equipes vencedoras viajam para o estado designado como sede, para que dali saiam as equipes campeãs que serão as representantes nacionais em nível mundial, indo para o país sede, com todas as despesas pagas pelos patrocinadores, equipamentos oferecidos por estas empresas e com ampla cobertura da mídia, com repercussão mundial. Daí o declarado interesse das escolas em ter alunos, que, independente de seu rendimento escolar, a levem a estas situações, pois é um

evento de grande divulgação neste meio, sendo assistido não somente pelos alunos e pais torcedores de seu colégio, como também de outros, que projetam poder estar ou terem seus filhos participando futuramente.

A participação dos pais em eventos dessa natureza é sempre notada, pois mais do que torcerem por uma equipe, torcem inicialmente para seus filhos e muitas vezes tentam interferir na forma de jogar. É comum vê-los à beira da quadra tentando passar instruções, independente do que o professor houvesse orientado. Nestes eventos notamos também uma diversificação bastante interessante de torcedores. Além dos pais, é comum encontrarmos outros parentes (avós, tios, irmãos, entre outros), que nem sempre entendem a dinâmica do jogo, mas ali estão para prestigiar o craque da família.

A mobilização das escolas nos períodos que antecedem as partidas é sempre muito grande, envolvendo professores, funcionários, alunos-atletas e alunos-torcedores

A escola, portanto, importa para seu meio um modelo de valorização esportiva a partir da mercantilização do aluno habilidoso, correndo porém o risco deste, no ano seguinte, “vender seu passe” para outro colégio.

A partir daí, o que temos visto, é basicamente uma confusão em relação ao esporte escolar, trazendo para este meio, inclusive as violências de torcidas, provocações, xingamentos e reproduções dos atos do futebol, uma vez que a semelhança de ambientes, isto é, imprensa, torcida, premiação em dinheiro, viagens, entre outras, levam este aluno/atleta, nem sempre física e principalmente psicologicamente preparados, a atitudes violentas. Se observarmos mais atentamente, reproduzindo gestos e ações de seus ídolos.

3.6 Racismo, desde o início do futebol

Podemos considerar que somente este tema daria para um estudo mais amplo, sendo assunto até mesmo para uma outra dissertação, mas não podemos, em nossa pesquisa deixar-lo à margem de nossas análises como um aspecto que violenta de diversas formas os praticantes da modalidade, sejam atletas ou alunos.

Desde sua introdução no país em 1894, trazido por Charles Miller até 1923, o negro esteve praticamente fora do futebol. Para confirmar esta constatação, Witter, (1995, p. 12), cita o nome de alguns jogadores dos tempos iniciais : Augusto Shaw, Mário Eppingaux, Belfort Duarte, Roberto Shalders, Daniel Stuart, entre outros. Segundo o autor, haveria a possibilidade de encher páginas com nomes de jogadores mostrando o “peso” dos estrangeiros no nascimento do futebol brasileiro.

Um dos maiores nomes ligados ao futebol, o jornalista Mário Filho, (1964, p.3) expressa um outro momento das questões raciais em meados dos anos 50:

Há quem ache que o futebol do passado é que era bom. De quando em quando a gente esbarra com um saudosista. Todos brancos, nenhum preto. Foi uma coisa que me intrigou a princípio. Porque o saudosista era sempre branco?

Ao referir-se aos espaços reservados aos torcedores retrata de maneira fiel a discriminação existente ao dizer, referindo-se a Chico Guanabara, negro, que era conhecido como capanga do Fluminense. Como torcedor conhecia seu lugar, na geral, simplesmente olhando para as arquibancadas. Trata a situação comparando-a ao cotidiano da boa ordem das casas de família, com cada um no seu devido lugar, até mesmo os parentes pobres.

O autor deixa claro no parágrafo acima, a inferioridade com que era tratada a etnia negra e também as classes menos favorecidas. Mostra nesta fase, o futebol como um elemento pertencente às elites não somente no campo de jogo como também nos espaços reservados aos torcedores, ressaltando o racismo como a cultura que discrimina relações de poder. Mesmo retratando o período do início do futebol no Brasil, este é um elemento importante em nossa pesquisa, pois é comum observarmos episódios referentes a situações de racismo, não só entre profissionais, como citaremos mais à frente, mas também no âmbito escolar. Acreditamos haver relevância no processo histórico do futebol, tentando discutir e entender estes aspectos.

O mesmo autor, ainda cita (1964, p.19):

A geral não era o sereno, era a cozinha, a copa, o quintal. Mais para dentro, quase para fora. O sereno era o morro, que se cobria de curiosos sem dez tostões para comprar uma geral, e que só viam

pedaços do jogo. Metade do campo, um gol lá embaixo, no fundo, os jogadores pequeninos.

Também desse momento surge a explicação para uma forma de provocação, que persiste até hoje, a um dos grandes clubes cariocas: o Fluminense. Descreve a história de Carlos Alberto, mulato, jogador do América e que ao transferir-se para o Fluminense, foi alçado ao primeiro time, ficando em evidente exposição, pois no início das partidas tinha que correr para o lugar mais cheio de moças, para saudá-las. Assim, preparava-se para este temido momento cuidadosamente, enchendo o rosto de pó de arroz. Quando sua equipe enfrentava o América, a torcida adversária não perdoava: - “Pó de arroz, pó de arroz...”, referindo-se a Carlos Alberto. Rapidamente o “pó de arroz” passou dele para o fluminense. Sua torcida até saiu-se com a desculpa de que não era vergonhoso usar coisa fina e cheirar bem. Sua diretoria porém, tratou logo de não ter outro mulato na equipe. Principalmente querendo passar-se por branco. (FILHO, MARIO, 1964, p. 45). O “pó de arroz”, no entanto, foi incorporado pela torcida e é hoje um dos símbolos do Fluminense. Pela apresentação do caso, podemos perceber que a busca por um espaço na modalidade, fez com que muitos atletas buscassem soluções consideradas até mesmo absurdas, para driblarem as questões raciais e poderem praticar a modalidade.

Nas quadras escolares, observamos a reprodução de gestos ofensivos referentes a aspectos de discriminação quanto à cor da pele e ainda chamamentos de forma ofensiva, por exemplo “- seu preto”, como forma de ofender ou menosprezar um outro aluno, mesmo que este seja de etnia branca.

Atualmente muitos casos de discriminação continuam acontecendo e levaram diversas entidades dirigentes a tomarem decisões tentando interferir no problema. A Federação Paulista de Futebol, por meio da Resolução da Presidência de Nº 05/2006, condena qualquer tipo de discriminação, acreditando que esta deva ser banida da sociedade. Deixa claro que o racismo é um dos piores meios de se tentar provar uma superioridade racial inexistente e absurda que, ainda nos dias de hoje, podemos ver em atos incompreensíveis. No ano de 2006, a citada entidade entrou em campo com a campanha “Racismo, aqui não”!

Eis o texto da resolução:

MARCO POLO DEL NERO, Presidente da Federação Paulista de Futebol, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto, RESOLVE:

INSTITUIR uma campanha denominada “COMBATE AO RACISMO”. A partir desta data até o final de 2006, em todas as partidas da 1ª Divisão, Séries A – 1, A – 2, A – 3 e 2ª Divisão fica instituída a campanha “COMBATE AO RACISMO” na seguinte conformidade:

1 – Em todas as partidas serão instalados nos estádios dois balões que levarão os seguintes dizeres: “RACISMO AQUI NÃO”.

2 – No início e no intervalo das partidas, será estendido um tapete no centro do campo de jogo contendo idênticos dizeres: “RACISMO AQUI NÃO”.

3 – No início das partidas, os atletas perfilados posarão para uma foto portando faixa com os mesmos dizeres. As fotos, posteriormente, serão entregues aos clubes e aos atletas.

Esta Resolução entra em vigor na presente data, revogadas as disposições em contrário.

Como a mídia esportiva deu muito destaque ao assunto, houve um reflexo imediato em torneios e campeonatos escolares, que repetiram o ato. Mesmo em eventos internos de algumas escolas, como jogos interclasses, pudemos observar ações referentes ao assunto.

A FIFA, entidade maior do futebol, no mês de março de 2006, determinou a perda de pontos (aumento gradativo) e rebaixamento, em casos de reincidências, aos clubes que tiverem casos de manifestação de racismo entre seus torcedores. Mesmo com a iniciativa sendo excelente ela é considerada inconstitucional, segundo Supremo Tribunal de Justiça Desportiva, pois fere o artigo 217 da Constituição. Pela Legislação Brasileira, este tipo de penalidade não pode ser imposta por entidade de prática desportiva .

Mesmo com diversas ações acontecendo, vários casos ocorreram e foram amplamente divulgados. No dia 5 de março de 2006, durante uma partida, na cidade de Caxias do Sul, no estado do Rio Grande do Sul, entre a equipe local, o Juventude e o Grêmio de Porto Alegre, numa disputa pela bola entre os jogadores Antonio Carlos e Jeovânio, que é negro, este foi agredido fisicamente (levou uma cotovelada), sendo o faltoso imediatamente expulso de campo pelo árbitro da partida. Antes mesmo de sair de campo, além de xingar o adversário que estava caído, fez sinais alisando o braço com os dedos, numa atitude de caracterização do indivíduo de raça negra, provocando constrangimento moral, que podemos interpretar como violência simbólica. A atitude teve repercussão imediata na

imprensa, que durante os programas televisivos, abordaram com intensidade o assunto, porém sem que ninguém trouxesse qualquer solução para o problema. O Tribunal de Justiça Desportiva do Rio Grande do Sul, puniu o jogador com 60 dias de suspensão, antes mesmo do julgamento.

Situação semelhante aconteceu no ano anterior, em função da torcida da mesma equipe ter chamado um jogador de “macaco”, a equipe recebeu como punição perda do mando de campo por dois jogos. Na mesma semana em que ocorreu o fato entre os jogadores, na França, três torcedores abriram uma faixa no estádio com os dizeres “Avante brancos”. Após sua identificação, foram retirados e impedidos, por um ano, de entrarem nos estádios franceses. Na Espanha, o camaronês Samuel Eto’o, do Barcelona, ameaçou deixar o campo ao ser ofendido por torcedores do time adversário, o Zaragoza. Ainda no início da temporada, na Itália, Mark Zoro, da Costa do Marfim, que atua pela equipe do Messina, saiu do gramado chorando devido às agressões verbais da torcida da Internazionale, de Milão. Ainda na Itália, Paolo di Carnio, jogador da Lazio, equipe da capital italiana, vem tendo comportamento reprovável, insuflando a torcida com saudações fascistas. Levou duas multas de 10.000 euros e foi suspenso por duas partidas. Ele não esconde sua admiração por Benito Mussolini, tendo no braço uma tatuagem com a palavra “Dux”, referência em latim ao título de Dulce do ditador italiano (FONTALELLE, 2006, p. 75/76).

Os reflexos destes casos nos meios escolares puderam ser sentidos de imediato. Em um colégio da região de Alphaville, freqüentado por alunos de classe média e alta, na semana seguinte ao ocorrido em Caxias do Sul, a repercussão e influência do caso foi notada na atitude de um aluno, durante uma partida do torneio interclasses de futsal. Após ser driblado por um colega da outra equipe, cometeu uma falta violenta e imediatamente passou os dedos sobre o braço, caracterizando, como já dissemos, uma atitude discriminatória, imitando as imagens divulgadas amplamente pelas emissoras de TV. Foi imediatamente excluído da partida pelo professor que atuava como árbitro e encaminhado à Direção. O caso da escola teve outros desdobramentos, levando inclusive o grupo de professores a reflexões com os demais alunos a respeito da atitude não só do aluno, mas também da ênfase dada pela mídia em tais situações.

Por conta de tantos fatos ocorrendo nos meios esportivos, a Organização das Nações Unidas resolveu intervir, divulgando relatório que solicita aos governos que

estudem formas de impedir o racismo. A FIFA, também preocupada com o assunto, escolheu o francês Thierry Henry, como embaixador na luta contra o racismo. Um dos motivos alegados pela entidade para este problema é o nacionalismo exacerbado, deixando de lado os ideais de competição quando estes se referem ao respeito aos adversários, independentemente de sua raça, cor ou religião.

Acredito que a proposta da FIFA seja uma medida muito interessante, pois coloca à frente desta investida, um atleta mundialmente conhecido e respeitado pela maioria dos torcedores e normalmente enaltecido pela mídia, em função de suas atitudes dentro e fora do campo. Além desses atributos, o referido atleta passou a ser ainda mais conhecido, ao marcar, na última Copa do Mundo de Futebol, o gol da França, que eliminou o Brasil da luta pelo título. Estas atitudes positivas, com pessoas de repercussão mundial, levam, inclusive para dentro das escolas, a buscas para erradicar ou minimizar situações de violências a partir de atitudes racistas. A escola, nesse sentido, é um campo fértil para tais reflexões, pois se aproveita de uma ação ligada ao esporte, normalmente de interesse dos jovens, para abordar um problema social.

No caso específico do Brasil, apesar dos problemas de discriminação, a influência do negro foi preponderante, sendo o responsável por um estilo próprio, de magia e arte, diferentes das formas mais arcaicas deste jogo, assim como de sua descendência inglesa imediata. Entretanto o negro não exigiu o título de propriedade, nem requereu o certificado de direito autoral desse futebol arte, cujo destaque pictórico é a bicicleta (MURAD, 1996, p.165).

O mesmo autor sintetiza bem esta questão referente ao uso de uma técnica completamente diferente:

Ninguém acumulou mais experiência histórica de emprego do corpo, na realidade brasileira, do que o negro, o que acabou por se transformar em extraordinário atributo de uma afirmação social lúdica, não racionalizada. (...) Toda essa história antropológica de utilização do corpo foi condensada no futebol brasileiro. Quando começaram a jogar futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar ou mesmo esbarrar nos adversários brancos: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator. Esta redução de espaços dentro das "quatro linhas", subproduto de sua situação social, obrigou os negros a jogarem com mais ginga, com mais habilidade, evitando o contato físico e reinventando os espaços. Sim, porque o drible não é outra coisa que a criação de espaço, onde o espaço não existe (MURAD, 1996, p.165).

Já Daólio, (1989, p.59), diz que o futebol encontrou na miscigenação de nosso povo, aptidões motoras ideais que influenciaram e facilitaram seu desenvolvimento. Por se tratar de uma modalidade jogada basicamente com os pés:

Considero o futebol revolucionário justamente por ser praticado, basicamente com a parte inferior do corpo. É interessante comparar essa prática com os pés que é o futebol com a capoeira, o samba e certas danças rituais indígenas. Todas essas práticas tem nos pés um papel preponderante. A capoeira é uma luta na qual só é permitido tocar o oponente com os pés. O bom sambista é aquele que tem samba no pé. É possível que o indivíduo brasileiro, sendo uma mistura de raças negra, indígena e branca, tenha uma maior facilidade histórica e cultural com os pés para a prática do futebol do que indivíduos de outros países. Essa habilidade com os pés seria uma técnica corporal, característica motora de uma sociedade e passível de transmissão para seus descendentes. Esta noção explicaria o fato dos meninos do Brasil nascerem praticamente, "sabendo jogar futebol" (DAÓLIO, 1989, P.59).

Apesar das citadas situações de discriminação e sua influência nas quadras das escolas, é comum o uso da imagem de nossos atletas de principal destaque em qualquer discussão que se refira ao futebol. Independente de nível socioeconômico, nossos torcedores cultuam nossos atletas sem qualquer alusão à sua etnia. Basta vermos o grande número de alunos que comparecem às aulas, trajando a camisa de seus ídolos, sem a preocupação da cor de sua pele, com o nome do craque gravado às costas, com o corte do cabelo semelhante, tentando imitá-los inclusive nos gestos. Um outro momento em que esta situação vem à tona, é o da participação destes atletas em competições da seleção brasileira de futebol. Aí, dependendo da performance dos atletas, todas as discriminações são esquecidas.

3.7 Futebol e (in)cultura

Outro aspecto de violência relevante no que se refere ao futebolista, diz respeito a uma rotulação de ignorante numa clara referência à dificuldade na comunicação verbal, notada em entrevistas no rádio ou televisão. Por outro lado, esta linguagem peculiar do futebol, invade os meios escolares. Este é um assunto

que praticamente não vemos abordado pela mídia televisiva e também pouco discutido academicamente. Mesmo durante reportagens em que o atleta se coloca de maneira incorreta na construção de frases, não há qualquer tipo de comentário sobre o assunto. Provavelmente em respeito à pessoa. Principalmente em seus espaços específicos, isto é, as quadras e campos, identifica quase que imediatamente o aluno que tem uma relação mais próxima com o futebol, seja por jogar ou torcer, daquele que dele mantém certa distância. Como disse anteriormente, esta distância é encurtada quando a referência é nossa seleção brasileira de futebol. Esta forma de linguagem provoca uma situação interessante, pois da mesma forma que é tratada como inculta pelos que dela não se utilizam, provocam uma reação semelhante nos “boleiros”, que claramente discriminam aqueles que não a entendem. Poucas são as pessoas que imaginam que para se tornar um atleta profissional de futebol, muitos jovens abandonam precocemente sua vida escolar em função dos horários de treinamentos, jogos, viagens, entre outros. Por conta dessa situação e também de não haver garantias de que o jovem futebolista venha se tornar um atleta profissional, clubes vem se mobilizando e obrigando seus atletas das categorias de base a estudarem. Alguns, como é o caso do Clube Atlético Paranaense, de Curitiba, mantém um pedagogo exclusivamente para acompanhamento dos atletas, sendo inclusive o elo entre o clube e a escola.

Maia, (2008, p.42), destaca que é importante ter uma alternativa, “um plano B”:

O brilho nos olhos de cada um dos garotos dessa reportagem traz a esperança de chegar ao mundo restrito dos milionários jogadores.. Mas fica o aviso: caso não consigam chegar ao estrelato, deveriam ter um plano B e nunca, sob qualquer hipótese, abandonar os estudos. (MAIA, 2008, p.42)

Atualmente com a voracidade dos empresários, cada vez mais cedo os jovens talentos são levados a clubes, fazendo com que até mesmo fases do desenvolvimento motor sejam “puladas”, impedindo que muitas habilidades sejam naturalmente adquiridas por meio de jogos e brincadeiras, principalmente na rua. Também devemos levar em consideração o fato de que o maior número de atletas de futebol são oriundos das classes menos favorecidas de nossa população, principalmente onde o acesso à escola é bastante restrito, tendo convivência com

peças simples e, nesse sentido, de “pouca cultura”. Há ainda outra situação bastante peculiar envolvendo jovens atletas atualmente, que é a transferência para clubes do exterior. Muitos dos que permanecem por um longo tempo em outros países, acabam passando por um processo interessante no que se refere às formas de expressão, muitas vezes falando corretamente o novo idioma, mantendo porém, as dificuldades ao usarem a língua portuguesa.

O futebol, por outro lado, trás uma comunicação toda própria de seu ambiente. É comum vermos respostas prontas a diversos tipos de questões, que muitas vezes sequer fazem sentido em sua relação com a pergunta. Fato interessante é que independente da região de nosso país, que traz características muito diferentes em se tratando de comunicação, tem no mundo do futebol uma fala comum. Essa fala reproduz-se nas quadras escolares. É também a linguagem do futebol da escola.

3.8 Questões de gênero

Outro aspecto que podemos entender como violência e que ganhou vulto nos últimos anos refere-se ao futebol praticado por mulheres. No início, a prática do futebol nas escolas por meninas, passou a ser encarada de diversas formas: quando apresentavam qualidade técnica na prática do futebol, eram tratadas até mesmo como homossexuais, numa clara alusão ao esporte masculino, em outras situações, eram enaltecidas pela sua habilidade e passaram, inclusive, a participar durante as aulas, de jogos de futebol juntamente com os meninos. Nesse período, alguns campeonatos interescolares, traziam em seu regulamento a permissão para participação de meninas em equipes masculinas, prática ainda mais comum nos dias de hoje. Isso se deu principalmente, por algumas escolas não terem número suficiente de alunas para composição de uma equipe completa.

Como citamos anteriormente, o futebol sempre foi considerado esporte para homens, mesmo havendo históricos que falam de mulheres jogando desde o início do século passado. A modalidade sempre foi tida como viril e mesmo entre homens, quando há qualquer tipo de questionamento quanto à violência de um lance, há uma fala bastante comum, independente do nível dos praticantes: - “futebol é para homem”. Mesmo com a ascensão do futebol feminino em nível mundial, a

possibilidade de uma equiparação em termos de popularidade e mesmo de movimentação financeira, parece muito distante. Os próprios dirigentes brasileiros não se interessam em investir mais na modalidade, mesmo esta obtendo excelentes resultados principalmente no cenário internacional.

Em função dessa falta de apoio, o êxodo de nossas atletas para o exterior é significativo. Nesse aspecto não somente nossas atletas, tidas como profissionais, tem saído do país, como, já há alguns anos, algumas escolas dos Estados Unidos, tem mandado representantes ao Brasil, oferecendo bolsas de estudos, além de estadia e alimentação, para nossas jovens jogadoras. A possibilidade de jogar no país em que o futebol feminino é a modalidade coletiva mais praticada e ainda concluir seus estudos, passou a ser sonho de muitas meninas, uma vez que este processo se estende até o ensino universitário. A condição principal, é que estejam vinculadas a uma instituição de ensino.

No norte da Europa, desde a década de 1970, diversos torneios amadores internacionais de futebol ocorrem durante o período das férias de verão. O número de equipes femininas nestes eventos é significativo, principalmente oriundas de instituições escolares do mundo todo. Para podermos ter uma idéia comparativa, na Helsinki Cup 2008, disputada na Finlândia, das 495 equipes que disputaram as categorias a partir de doze anos, 130 eram femininas, isto é, 27% dos participantes. Fato interessante que ocorre durante as partidas é a participação dos pais das atletas de equipes locais, incentivando suas filhas. Na Europa, a profissionalização do futebol feminino já está instituída, inclusive com a ocorrência em todos os torneios disputados também por homens (Eurocopa, Copa dos Campeões, Copa da UEFA, entre outros, além dos campeonatos nacionais). Infelizmente por aqui, mulheres que praticam futebol são taxadas de homossexuais.

Apresentaremos um breve relato de alguns processos históricos e documentais, que interferiram sobremaneira na prática do esporte pelas alunas em ambientes escolares.

Apesar da evolução, o início das atividades esportivas oficiais pelas mulheres não foi nada simples. Goellner, (2005, p.144), cita a fala do Barão de Coubertin, um dos principais idealizadores das Olimpíadas da Era Moderna, que protesta contra a inserção das mulheres nesse evento, alegando que isto poderia vulgarizar o ambiente recheado de honras e conquistas:

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e alli não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral. Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condenal-os. Ver-se-á, então, o que delles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação physica dos seus filhos "(GOELLNER, 2005, p. 144).

A participação efetiva das mulheres nas práticas esportivas, principalmente no futebol, poderia ainda desestabilizar a estruturação de um espaço de sociedade criado e mantido sob a dominação masculina, justificada para sua consolidação, apoiada na biologia do corpo e do sexo em relação a elas. Lensky, (apud GOELLNER, 2005, p. 144), assim aborda:

A habilidade esportiva dificilmente se compatibiliza com a subordinação feminina tradicional da sociedade patriarcal; de fato, o esporte oferecia a possibilidade de tornar igualitárias as relações entre os sexos. O esporte, ao minimizar as diferenças socialmente construídas entre os sexos, revela o caráter tênue das bases biológicas de tais diferenças; portanto, constituía uma ameaça séria ao mito da fragilidade feminina.

Este aspecto de participação da mulher nas atividades esportivas, se dá juntamente com outras tantas situações de sua ascensão na sociedade.

Por conta dessas manifestações, a legislação esportiva é alterada, afetando diretamente as aulas de Educação Física nas escolas, principalmente a feminina, com proibições que interferiram na elaboração do currículo desta disciplina.

Em se tratando de leis, ao longo da história, algumas atitudes foram tomadas. Segundo os PCNs da Educação Física (1997, p.20):

No ano de 1951 foi feita a Reforma Couto Ferraz, a qual tornou obrigatória a Educação Física nas escolas do município da Corte. De

modo geral houve grande contrariedade por parte dos pais em ver seus filhos envolvidos em atividades que não tinham o caráter intelectual. Em relação aos meninos, a tolerância era um pouco maior, já que a idéia de ginástica associava-se às instituições militares; mas em relação às meninas, houve pais que proibiram a participação de suas filhas.

A partir daí, várias alterações na legislação vão ocorrendo referentes à Educação Física e Esportes. Voltamos a 1941, ano em que temos um documento que restringe especificamente determinadas práticas por mulheres, inclusive nas escolas. O General Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos, subsídios para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres em algumas modalidades, entre elas as lutas, o salto com vara, o salto triplo, o decatlo, e o pentatlo. Outras alterações acontecem acompanhando as alterações do ensino formal. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação nº 7 que, em seu artigo segundo registrava não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, rúgbi, halterofilismo e beisebol por mulheres. Segundo Goellner, (2005, p. 146), mesmo não sendo homogêneo, os pensamentos dessa época, segundo os documentos oficiais analisados, expressam representações sobre o esporte naquele contexto cultural, além de reforçarem concepções normatizadas de feminilidade, sendo associadas à maternidade e beleza feminina e para as quais, os esportes considerados violentos deveriam ficar longe das experiências das meninas e moças. A revogação dessa Deliberação viria somente no final dos anos 70, quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país.

Estas determinações influenciaram sobremaneira a prática dessas modalidades pelas alunas nas escolas. Este período, marcado pelo esportivismo, basicamente determinava o que era ou não conteúdo da Educação Física Escolar e, automaticamente alavancava a evolução de uma ou outra modalidade, sendo a escola, considerada como “celeiro” de talentos esportivos. Este fato se dá principalmente pelo aparecimento das “Escolas de Esportes”, nas entidades particulares e “horários de treinamentos” nas escolas públicas, complementando a carga horária dos professores de Educação Física. Este espaço era utilizado pelos professores como um período em que somente as alunas e os alunos mais

habilidosos eram convocados, pois fariam parte das equipes representativas da escola, as seleções, que a defenderiam nos diversos eventos externos. Muitas atletas de alto nível, nas diversas modalidades surgem a partir daí. Por outro lado, em se tratando de uma instituição educacional, a divisão de modalidades para homens e mulheres era regamente respeitada e a ascensão de uma ou outra modalidade se dava principalmente pela influência dos professores e professoras de Educação Física, que em geral eram ex-atletas e acabavam por privilegiar a prática de sua modalidade preferida. Esta situação era muito comum neste período. Por praticar a modalidade como atleta profissional ou amador, independentemente de já haver ou não encerrado a carreira, partia para a graduação no curso de Educação Física, vislumbrando a possibilidade de tornar-se professor por conta de sua vivência nas quadras ou campos enquanto jogador. Isto reforçava a condição esportivista da Educação Física Escolar, tornando-a muitas vezes, algo próximo de um treinamento, pois o referido professor, acabava transferido para as aulas, sua experiência enquanto atleta, privilegiando os mais habilidosos ou que mais se adequassem à modalidade em questão.

Esse período marca o começo da transição na Educação Física com o aparecimento de novas perspectivas no Esporte de rendimento, influenciando sua prática nas escolas.

No início dos anos 80, surgem várias equipes femininas no Brasil e alguns campeonatos adquirem visibilidade, sendo inclusive, divulgados pelas emissoras de TV, que introduziram o futebol de praia feminino em suas programações, principalmente no período das férias de verão, em que há uma extensa gama de esportes adaptados à praia.

Um olhar, porém, nos parece importante. Se no início do século passado a beleza era vista como sinônimo de saúde, inclusive para a reprodução, a partir dos anos 70/80 esse discurso se incorpora a outro: o da erotização dos corpos. Academias lotadas, parques como locais de prática de exercício físico, crescimento considerável de mulheres praticando esportes, aliado ao uso de equipamentos e roupas que evidenciavam ainda mais os contornos femininos, ressaltando não só a beleza, mas também a sensualidade da mulher. Também nesse aspecto as quadra escolares são influenciadas, pois o uniforme de Educação Física das meninas deixa de ser a camiseta e saia branca com shorts ou calcinhas vermelhas para dar lugar às bermudas e calças de lycra e materiais mais confortáveis, assim como a troca

dos calçados “bamba ou conga” pelos tênis com absorção de impacto, modelos anatômicos, diversas cores, entre outras novidades. Dessa forma o aspecto visual também é trazido para as quadras escolares.

Para retratar este assunto, podemos citar um exemplo interessante ocorrido com o futebol feminino. No ano de 2001, a Federação Paulista de Futebol, organizou o Campeonato Paulista de Futebol Feminino, chamado de “Paulistana”, onde as atletas, para participar do campeonato, segundo Knijinik e Vasconcellos, (2003, p. 5):

[...] precisavam cumprir algumas condições estéticas, pois os dirigentes da FPF prometiam literalmente um campeonato bom e bonito, que unisse o “futebol à feminilidade”. Assim, Por exemplo, atletas de cabelos raspados foram barradas – a preferência era por moças de cabelos compridos; também havia um componente etário nas pré condições, as atletas não deveriam ter mais de 23 anos para jogarem, provavelmente pelo fato das imagens das mais novas serem facilmente erotizáveis na mídia em geral (KNIJINIK E VASCONCELLOS, 2003, p. 5).

Essas restrições dividiram a mídia, pois, uma vez que havia dinheiro envolvido, isto é, cada equipe receberia um montante para estruturação do time e ajuda de custos às atletas. Alguns jornalistas se colocaram contrários à forma de escolha, alegando que as restrições impediam atletas que não se enquadrassem às especificações, trabalhassem ou mesmo mostrassem suas qualidades atléticas independentemente dos fatores citados. Por ter participado do evento, acredito que este tenha sido um dos fatores que o impediram de ter maior divulgação e evidentemente sucesso, tanto, que não se repetiu no ano seguinte.

De maneira geral o futebol feminino continua tendo um grande crescimento, principalmente em relação ao número de praticantes. Os campeonatos escolares, independentemente das diferentes classes sociais, têm grande participação das meninas. Em levantamento feito no site da Secretaria Estadual de Esportes, (JOGOS REGIONAIS, 2006 e 2007), constatamos que o número de equipes de futebol feminino, nas oito diferentes regiões do Estado de São Paulo, é maior que todas as outras modalidades coletivas, tendo inclusive o triplo de equipes em relação ao basquetebol, ficando à frente inclusive do voleibol, considerado o segundo esporte coletivo no Brasil.

Ainda no que concerne às questões de gênero, a investida das mulheres nesse meio levantou uma série de discussões quando estas galgaram a função de “árbitros”. Alguns técnicos e grande parte das torcidas, antes mesmo de conhecerem o trabalho destas, foram veementemente contra, alegando que esta não era uma função a ser exercida por mulheres. Entre os jogadores as reações foram diversas, pois quando estes se dirigem ao árbitro, nem sempre a fala é amena. Normalmente a conversa se dá em tons ásperos, principalmente quando se trata de reclamações ou discordâncias a respeito da interpretação de determinada jogada. Algumas destas profissionais, realmente não suportaram a pressão dos jogos, outras, abandonaram a carreira por não conseguirem resultados positivos nos testes físicos aplicados pelas respectivas federações, que mantêm os mesmos parâmetros do masculino. O caso mais polêmico e amplamente divulgado se deu com a auxiliar de arbitragem (bandeirinha) Ana Paula de Oliveira, que foi afastada da função, por força de protestos que alguns clubes impetraram, por erros de interpretação cometidos durante jogos.

Nas quadras escolares pudemos analisar o caso e constatar a repercussão do assunto, principalmente entre os meninos, que comparavam o caso da referida profissional com o de outros auxiliares homens que, na opinião dos alunos, cometeram falhas mais grosseiras e não foram punidos.

Retomando ao futebol masculino, há ainda a situação oposta, isto é, se houver qualquer dúvida quanto à sexualidade de um jogador de futebol, principalmente em nosso país e isto vier a público, com certeza haverá grande polêmica entre dirigentes, atletas, comissão técnica, imprensa e sociedade, causando instabilidade entre os envolvidos (MOIOLI, 2004, p.27).

O mesmo autor traz uma justificativa para esta situação:

Por se tratar de uma atividade na qual patrocinadores investem milhões de dólares em publicidade, uma eventual suspeita de escândalos envolvendo integrantes de um clube de futebol, traduzidos em relacionamentos sexuais que não estão de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade, poderá ocorrer a demissão ou o afastamento desses profissionais que, a partir dessas configurações poderão denegrir a imagem do clube a que pertencem ou a reputação da classe. Publicamente, a imagem que identifica um jogador de futebol é caracterizada pela força, vigor e virilidade, combinado com o papel sexual que lhe é atribuído pela sociedade (MOIOLI, 2004, p. .27).

Como pudemos observar ao longo da explanação deste tema, mesmo já tendo vencido diversas batalhas, inclusive por um longo período, a legislação, o futebol continua machista, continua sendo encarado como um esporte para homens. Nesse contexto os aspectos de homossexualidade que por aqui surgem, principalmente no meio profissional, traz reflexos para os meios escolares. Durante as aulas, pudemos observar alunos usando o nome de determinado atleta envolvido numa situação como a citada, para ofender a outro.

3.9 Ações violentas das torcidas

O episódio da morte de um jovem torcedor, no ano de 1995, no estádio do Pacaembu, na cidade de São Paulo, serviu como ponto de partida, por parte do poder público, para a tomada de providências quanto ao crescente aumento da violência nos espetáculos esportivos. A partir do episódio e por conta da iniciativa de um promotor público, ficou proibido a entrada de torcidas organizadas nos estádios do Estado de São Paulo (REIS, 2006, p. 18). Além desta medida, ficou proibida a venda de bebidas alcoólicas nos bares dos estádios.

Este incidente levou também diversos segmentos da sociedade civil a mobilizarem-se, particularmente os acadêmicos, que passaram a realizar, com mais frequência, eventos abordando a relação futebol e violências. A mesma autora (p. 21) questiona se a violência das torcidas é associada à ampliação do quadro de jovens nas agremiações torcedoras ou se o aumento da violência e a veiculação de episódios dessa natureza atraíram os jovens para se associarem às torcidas organizadas. Estes jovens acabam levando para a escola suas músicas agressivas e um palavreado peculiar.

Diversas são as manifestações das torcidas durante um espetáculo esportivo. São coreografias realizadas por milhares de pessoas, cantos, que incluem o hino da equipe, ofensas à equipe adversária ou especificamente a um jogador, músicas jocosas dirigidas especificamente à equipe de arbitragem, entre outras. Mesmo antes do início de uma partida, é muito comum termos as duas torcidas se digladiando com simbolismos ofensivos, seja por uma situação momentânea ou pela

queda da equipe para uma divisão inferior, ou ainda os torcedores da capital, tratando os do interior de “caipiras”, numa tentativa de diminuí-los. Alguns elementos acabam sendo incorporados, como o já citado caso do “pó de arroz” do Fluminense e mais recentemente da alcunha de “porco”, lançada pela torcida do S.C. Corinthians Paulista, numa tentativa de ofender a Sociedade Esportiva Palmeiras. O apelido virou “grito” de guerra dos palmeirenses.

Os jogadores também podem influenciar diretamente as torcidas, principalmente nos dias que antecedem os chamados clássicos (jogos entre as equipes consideradas grandes ou sabidamente rivais). São provocações e mesmo apostas entre adversários, que são amplamente enfocadas pela mídia, tentando apimentar ainda mais a relação entre oponentes. Há algum tempo, tivemos o jogador Vampeta, do Corinthians, chamando os contrários do São Paulo F.C. de “bambis”, numa clara alusão a aspectos de sua sexualidade. Esse clima todo é levado aos estádios pelos torcedores. Entre estes torcedores podemos observar um contingente de jovens em idade escolar, que acabam levando para as escolas, situações semelhantes as dos estádios. É comum observarmos em eventos escolares, provocações de torcidas de uma classe para outra ou de uma escola para outra. Infelizmente, muito mais do que incentivar sua equipe, os torcedores passaram a provocar e ofender seus adversários, criando situações violentas nos diversos ambientes que se apresentam.

Um dos problemas levantados pelo poder público, no que se refere à violência das torcidas, mais especificamente às organizadas, são situações que extrapolam os limites do espetáculo esportivo. Muitos “encontros” entre torcedores rivais, vêm sendo marcados em locais diversos, para que se promovam brigas entre si. Esse fenômeno está sendo copiado dos torcedores ingleses, chamados de “*hooligans*”, considerados extremamente violentos e que, quando identificados, em seu país de origem, são proibidos de frequentar os estádios. Mais especificamente para as instituições européias, as raízes da violência, em geral, encontram-se em problemas sociais como o alcoolismo, o abuso e consumo de outras drogas e o racismo (REIS, 2006, p. 33).

Uma das formas de se minimizar o problema da violência das torcidas nos estádios, foi partir para a punição à própria equipe, impedindo-a de jogar diante de sua torcida, seja tendo que mandar seus jogos em estádios distantes de sua cidade

ou jogando com portões fechados, isso é, com a proibição de participação de torcedores.

O policiamento também aumentou nos estádios, mas é comum vermos a ira dos torcedores serem direcionadas a esses indivíduos e, em muitas situações, atitudes inadequadas por parte dos próprios policiais, que alegando estarem contendo os ânimos, acabam agredindo violentamente os torcedores.

Fica claro que as manifestações violentas dos atores envolvidos no espetáculo, são problemas de segurança pública e também um objeto de pesquisa da sociologia dos esportes em diversos países.

Pensando nas diversas situações de violências apresentadas, tanto concretas quanto simbólicas no futebol como um todo, acredito ser interessante a visão expressada por Melani, (1999, p. 24):

Um jogo é muito mais que a bola, o campo e os jogadores. Um jogo é muito mais que as jogadas. Aqui o humano sofre todas as intempéries da matéria e mais a herança cultural do imaginário. Não se busca nem certeza nem razão no futebol. O que se busca é o tecer do imponderável, a ilógica inteligência motora, a plasticidade do movimento sem a preocupação com a lei da contradição. O jogador pode ser e não ser ao mesmo tempo, porque ele é ser em movimento e na ação esta sua realidade.

Quando se tenta explicar cartesianamente uma partida de futebol, acaba-se sempre no barco do reducionismo. O futebol não é uma redução que tenta transformar a realidade em algo inteligível. O futebol não é a explicação do movimento, é o próprio movimento. Um instante, na vasta galeria das obras humanas, que possibilita o humano; um instante no qual o homem está presente por inteiro, com todas as suas sensações e inclusive sua razão.

Da mesma forma, podemos notar situações semelhantes durante partidas de futebol realizadas nas escolas. O aluno parece tornar-se outro. Um atleta em potencial.

Além de todos os aspectos já abordados, acredito ser interessante levantarmos alguns termos ligados à linguagem ritual do futebol, uma vez que esta está impregnada de diversos códigos. Murad, (1996, p.167), destaca três destes códigos:

Código de guerra/linguagem militar: artilharia, bomba, capitão, guerreiro, ataque, defesa, estratégia, tática, invasão, marcha, combate, inimigo, explosão, confronto, cidadela, etc.

Código de interdição/linguagem penal: árbitro, penalidade, acusar, lícito, ilícito, juiz, pena máxima, contenda, mediador, etc.

Código de repressão/linguagem policial: alvo, blitz, barreira, esquadrão, tiro livre, balaço, cacetada, xerife, ladrão, limpar a área, fuzilar, matador, roubar a bola, etc.

Logicamente que poderíamos acrescentar ainda diversos outros termos que se enquadrariam em quaisquer dos três códigos.

O referido autor nos diz ainda:

Estas linguagens – militar, penal e policial – permitem à análise, a revelação de um paradoxo do futebol, enquanto fenômeno da cultura. São representações simbólicas de sínteses dialéticas entre conteúdos sociais divergentes. Desejam representar, via conteúdo manifesto, a instituição normativa da ordem e da igualdade de oportunidades, por meio da disciplina, na medida e, se necessário, até mesmo da força. Entretanto, para além do conteúdo manifesto, há, também, o conteúdo latente, subjacente à própria dinâmica funcional do jogo, que expressa competição, conflito e luta pelo poder. A ideologia da igualdade original, contida nas regras, no rito do futebol, portanto, se desagrega e a tensão e o confronto por seu turno, se instalam como forças dominantes, separam e antagonizam os sujeitos da ação, transformando-os em vencedores e vencidos, o que cinde o espaço ritual, potencializando a produção de práticas distintas de violência e vitimização. (MURAD 1997, p. 167)

Segundo o mesmo autor, dessa forma, fica claro que a compreensão sociológica da violência do futebol não é um ato desconectado da compreensão sociológica das diferentes práticas de violência por que perpassam a sociedade brasileira. Fica mais visível no futebol por ser um fenômeno da paixão, que tudo acentua e exacerba, independente das classes sociais envolvidas, permitindo uma discussão que se apresenta também na instituição escolar, onde esta linguagem é comum na prática do futebol.

4 INSTITUIÇÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES

Este capítulo aborda o surgimento das instituições escolares, assim como alguns conceitos a respeito do termo. Traz a Educação Física mais especificamente para o âmbito escolar, entendendo-a como uma disciplina que faz parte do currículo da escola e que também é responsável pela construção de conhecimento, tendo o esporte como parte de seu conteúdo, diferenciando o esporte na escola do esporte da escola.

As primeiras instituições escolares surgiram no Brasil por volta de 1549, com a vinda dos padres jesuítas, que marca também o início da história da educação em nosso país (Azevedo, 1996, p.495). O ensino secundário era estendido às elites, enquanto os nativos e negros aprendiam a língua portuguesa, costumes e tarefas: o trabalho em lavouras, como comer pão e o uso de roupas em tecidos de algodão. A autora nos diz que até meados do século XIX, a educação em nosso país é voltada a criar elites. O ensino superior chega por volta de 1810 com os integrantes da corte do rei. São fundados cursos superiores no Rio de Janeiro e na Bahia.

Medrado, (2008, p.43), associa instituição à democracia e a busca de valores ainda inacabados, comparando Freire e Tocqueville, que mesmo distanciados por um século de aproximações, enxergam as instituições como horizonte inacabado e inconcluso. O francês problematizando a instituição nos regimes aristocrata e democrata enquanto o educador brasileiro, “ se posicionava diante dos hospícios da ditadura militar”. Diz que a aproximação se dá pelas diferenças de contexto e pela diferente época em cada um viveu, porém encontram sustentação do que é instituído em regimes diferenciados.

Segundo (Saviani, 2007, p. 3), a palavra “instituição” vem do latim “instiuttio, onis”. Apresenta vários significados que podem ser agrupados em quatro acepções: “1 . Disposição; plano; arranjo. 2. Instrução; ensino; educação. 3. Criação; formação. 4. Método; sistema; escola; seita; doutrina.”

Nos diz ainda o autor, que o primeiro tópico refere-se à idéia de ordenar, de articular aquilo que estava disperso. No segundo, entende como a própria idéia de educar. Trazendo o significado daquele que ensina, do mestre e, mais especificamente do professor primário. Já o terceiro refere-se tanto à construção de objetos tal como se dá na produção técnica ou artística, com a criação e formação

de seres vivos. O quarto dá a idéia de coesão, de aglutinação em torno de determinados procedimentos, aqui entendidos como métodos. Fala ainda de “escola, no sentido de um grupo de indivíduos reunidos em torno de um mestre ou orientação teórica, como nas expressões “escola filosófica”, “escola de Frankfurt”, “escola de Annales”; de uma crença e rituais comuns (seita); ou de um conjunto de idéias que orientam a conduta (doutrina)” (p.4).

Dessa forma, podemos entender que o termo instituição traz a idéia de algo que é criado , organizado e constituído pelo homem, para atender a determinada necessidade.

Ainda Saviani (2007 p. 5) conceitua:

Mas, se as instituições são criadas para satisfazer determinadas necessidades humanas, isto significa que elas não se constituem como algo pronto e acabado que, uma vez produzido, se manifesta como um objeto que subsiste à ação da qual resultou, mesmo após já concluída e extinta a atividade que a gerou. Não. Para satisfazer necessidades humanas as instituições são criadas como unidades de ação. Constituem-se, pois, como um sistema de práticas com seus agentes e com meios e instrumentos por eles operados tendo em vista as finalidades por elas perseguidas. As instituições são, portanto, necessariamente sociais, tanto na origem, já que determinadas pelas necessidades postas pelas relações entre os homens, como no seu próprio funcionamento, uma vez que se constituem como um conjunto de agentes que travam relações entre si e com a sociedade à qual servem.

Para Castanho (2008, p.40), o termo instituição:

[...] tem-se aplicado na prática teórica dos educadores, em especial na dos historiadores da educação, com o sentido próprio de lugar social especializado na função educativa e também com o sentido derivado de unidade ou estabelecimento educacional. No sentido próprio, trata-se de lugar social dotado de permanência, ou estabilidade,, cercado de reconhecimento em sua missão, mantido por recursos materiais e humanos delimitados, normatizados externa e internamente e, enfim, sustentado por valores, idéias e comportamentos que, no seu conjunto, constituem a cultura escolar. No sentido derivado, trata-se daquilo que usualmente se designa como tal e qual escola.

Viñao Frago, (apud CASTANHO, 2007, p.41), diz que o referido autor sentencia:

Afirmar que a escola, entendido este termo no seu sentido amplo, é uma instituição, eis algo óbvio. Igualmente é óbvio dizer que existe uma cultura escolar. Precisamente porque a escola é uma instituição, podemos falar de cultura escolar e vice-versa. Mais difícil é se por de acordo sobre o que implica a escola ser uma instituição e sobre o que seja cultura escolar – ou se não seria preferível falar, no plural, de culturas escolares (FRAGO, 2007, p. 41).

Historicamente esta relação da instituição escolar com a cultura e sociedade, traz para dentro de si muito de suas manifestações. As reproduções das violências ocorrem de diversas formas nas instituições ou mesmo contra elas. Depredações, badernas, pichações, ofensas, agressões e mais recentemente crimes de morte, tem levado os diversos setores da sociedade a discutirem o tema. Normalmente o envolvimento de alunos é mais comum ao nos referirmos às situações citadas, porém, vimos tendo casos de envolvimento também de professores e outros funcionários da escola. Infelizmente o assunto não se refere especificamente às grandes metrópoles, mas, muitas vezes a pequenas cidades consideradas como paraísos de tranquilidade e qualidade de vida. O tratamento dessas violências na escola deixou de ser algo resolvido com advertências ou suspensões de aulas.

Medrado, (2008, p.15), nos diz que:

Segundo a criminologia, a violência na instituição escolar urbana deve ser qualificada conforme as determinações contidas na lei. Por conseguinte, a violência escolar assumirá todas as qualidades e definições da noção do crime. Qualificada como crime, a violência volatiliza-se e o conjunto de funções sociais e políticas de indivíduos e/ou grupos de indivíduos, a violência é reprimida e usada como retro-reforçador dos conceitos atomizantes estabelecidos. Desmistificar esta forma de abordagem também criminalista é render à questão particularidades e contextualizações do que é tratado genericamente; evidentemente, não podemos subtrair os conceitos relevantes até então produzidos.

O mesmo autor (2005) esclarece que muito cedo, violência passa a ser violências e sustenta que não existe simplesmente uma violência escolar, mas sim um conjunto de violências que reivindicam contextos.

E, o paradigma “violências” não separa o físico semiótico e alimenta a inconclusividade da existência de uma linha tênue entre as violências. Neste caso, a violência é representação da tensão nas relações sociais, supõe-se ilimitada, ultrapassa o concreto e o abstrato, formando antes de representar e propondo significado e significante situacionais. Imediatamente, o paradigma deixa o isolamento e invade a lógica contextual (MEDRADO, 2005).

Dentro do contexto escolar, nosso estudo delimitará o espaço de práticas e eventos ligados à Educação Física e Esportes e seus respectivos espaços. Nas quadras esportivas, claramente manifestações das diversas violências que ocorrem constantemente. Muitas delas, e é o que pretendemos discutir, influenciadas pelo poder da mídia, principalmente televisiva.

4.1 A Educação Física Escolar

Seguramente há uma grande confusão ao se discutir Educação Física e Esporte, entendendo-os como sinônimos, principalmente quando este é visto como um fenômeno mundial. Ao mesmo tempo, ambos caminham juntos. Na verdade, o Esporte é considerado um conteúdo da Educação Física Escolar e, portanto, componente dela. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Educação Física deve ter cinco grandes blocos para composição de seus conteúdos: esportes, jogos, lutas, ginásticas e atividades rítmicas e expressivas.

A discussão maior se dá se tentarmos entender o “esporte *da* escola e esporte *na* escola”. À primeira vista parece não haver diferenças, no entanto o esporte da escola é aquele que deve promover a participação de todos os alunos indistintamente. Cabe ao professor criar condições para que essa participação seja efetiva. Deve objetivar os processos de relações sociais, a aquisição e melhora de habilidades motoras, deve ter aspectos conceituais que levem o educando a ter conhecimentos das atividades desenvolvidas e seus reflexos em sua vida. A

Educação Física Escolar é uma disciplina que deve transmitir conhecimentos aos alunos. O esporte da escola pode ser um dos elementos utilizados para se atingir estes objetivos. Deve fazer com que os indivíduos entendam a importância do exercício físico como fator de prevenção de doenças e de vida ativa e mais saudável. Já o Esporte na escola é algo próximo do treinamento, favorecendo basicamente os habilidosos.

Em âmbito escolar é altamente discriminatório, favorecendo os melhores e promovendo a exclusão dos demais. Há espaço para os dois nesse mesmo ambiente? Acredito que sim, porém o momento não deva ser o da aula, que é um direito de todos. Este problema levou a Universidade de São Paulo a modificar sua grade curricular e a lançar dois cursos distintos para a graduação: Educação Física e Esporte. Outras universidades e faculdades, optaram pela divisão entre Licenciatura e Bacharelado, enfatizando, em cada curso, áreas mais afins à prática específica.

Assim, segundo Tani, (2002, p.4), o esporte pode ser levado a transitar pela educação física, como conteúdo e para o esporte de rendimento, como um fim em si mesmo. Dessa forma podemos entender que o esporte de rendimento ocupa-se com o talento, operando assim pela exclusão. Seu sucesso depende da eficácia com que se consegue detectar o talento na população e promover seu desenvolvimento. Já como conteúdo da educação física trabalha com a grande população e visa a inclusão de todos, “gordos ou magros, baixos ou altos, fortes ou fracos, habilidosos ou desajeitados”.

Na prática porém, é comum encontrarmos professores que optam pela prática de modalidades, principalmente o futebol, a aula toda, em todas as aulas, levando os alunos a considerarem esta, um momento de lazer, normalmente ligado à prática esportiva. Por outro lado, “permitem” que os menos habilidosos ou que dizem não gostar da modalidade, permaneçam sentados nas arquibancadas, como torcedores, porém deixando de praticar atividades físicas e ainda obter conhecimentos sobre estas. Não percebem que desta maneira, o esporte na escola é um elemento de exclusão, privilegiando alguns em detrimento da participação de outros.

Este professor deveria levar em consideração as dificuldades destes educandos e criar situações que permitissem sua participação efetiva, despertando nestes o interesse em diferentes formas de prática (esportes, jogos, exercícios, entre outros), tentando desde evitar que ali tenha um cidadão desde então, sedentário.

Historicamente a Educação Física sempre serviu às elites, sendo usada como elemento ideológico e de manipulação.

Os PCNs da Educação Física, nos dizem que:

[...] a Educação Física esteve estreitamente ligada às instituições militares e à classe médica. Estes vínculos foram determinantes, tanto no que diz respeito à concepção da disciplina e suas finalidades quanto ao seu campo de atuação e à forma de ser ensinada (p.19).

Nos primórdios da Educação Física sistematizada, mesmo com a elite imperial estando de acordo com os pressupostos higiênicos, eugênicos e físicos, havia restrições e resistências às atividades físicas em função de sua associação com o trabalho escravo. Nesse período, qualquer ocupação que implicasse esforço físico não era vista com bons olhos e assim considerada “menor”. Daí, portanto, a dificuldade de se introduzir a sua prática nas escolas.

Kolyniak (1996, p.38), considera o início da Educação Física escolar no Brasil a partir de 1837, com a inclusão da ginástica no currículo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Com a Reforma Couto Ferraz, de 1851, a Educação Física tornou-se obrigatória nas escolas do município da Corte, porém, foi vista com maus olhos pelos pais principalmente das meninas. Já para os meninos, havia certa tolerância pela associação da ginástica com as instituições militares.

Rui Barbosa, em 1882, dando parecer à Reforma Leôncio de Carvalho, defende a inclusão da ginástica nas escolas e destaca a importância de se ter um corpo saudável para sustentar a atividade intelectual (PCNs., p.20).

Na década de 1930, com a ascensão das ideologias nazistas e fascistas, novamente se tem a idéia de associação da eugeniização da raça à Educação Física e também:

[...] em decorrência do processo de industrialização e urbanização e do estabelecimento do Estado Novo, a Educação Física passou a ser usada como forma de fortalecer e melhorar a capacidade produtiva do trabalhador, visando desenvolver o espírito de colaboração em benefício da coletividade”. (GUIMARÃES, 2001, p.61).

A Educação Física tem a primeira referência na Constituição de 1937, como prática educativa obrigatória, sendo que havia um artigo que “[...] citava o adestramento físico como maneira de preparar a juventude para a defesa da nação e para o cumprimento dos deveres com a economia” (PCNs. p.21). Podemos, portanto, entender, que a Educação Física neste período não tem a função de uma disciplina escolar vinculada aos saberes educacionais, isto é, ela aparece como uma forma de manter os corpos saudáveis, visando basicamente servir aos objetivos dominantes, como mão-de-obra ou como soldados no campo de batalha.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, ficou determinada a obrigatoriedade da Educação Física para o ensino primário e médio. A partir desse período, o esporte passou a cada vez mais fazer parte e ocupar os espaços das aulas. Isso se deu com a introdução do Método Esportivo Generalizado, que se contrapunha aos tradicionais métodos de ginástica.

A partir do acordo MEC-USAID, articulou-se também a Política Nacional de Educação e Esportes, que foi definida pela Lei 6251/75. A referida lei dizia que o trabalho na área de educação física, no Brasil, teria como objetivos centrais a melhoria da aptidão física da população, o aumento da participação estudantil e popular em práticas desportivas e o aprimoramento técnico dos desportistas, para melhorar o desempenho das representações nacionais nas competições internacionais (KOLYNIK, 1996, p.45). Nesse período o esporte aparecia como uma possibilidade de dirigir o entusiasmo dos estudantes para as competições esportivas, desviando seu interesse das questões políticas. Mesmo após um período de muitas mudanças no que se refere a Educação do país, a Educação Física continua sem ter uma clara função dentro do ambiente escolar. Pauta-se muito mais pelo privilégio aos alunos-atletas e pela obrigatoriedade de exercícios físicos, que nem sempre eram condizentes com as faixas etárias a que eram ministrados, desrespeitando estes alunos seja pela dificuldade de realizar tarefas propostas, seja por lesões ou dores decorrentes de cargas impróprias. Como esquecer das eternas voltas ao redor da quadra sob o designativo de um aquecimento? Será que isto nos fez entender o que é um aquecimento, que antecede uma atividade mais intensa?

Na década de 1970, ganha importantes funções pautadas no nacionalismo, buscando a formação de um exército composto por uma juventude forte e saudável. Desse vínculo entre esporte e nacionalismo temos como resultado a exaltação do resultado da Copa do Mundo de Futebol de 1970 e do uso que se fez de sua

campanha. Dificilmente quem viveu nesse período conseguirá esquecer: “90 milhões em ação...” Isso influenciou sobremaneira uma geração, principalmente porque este foi um evento visto, via televisão, por todo o país. As aulas de Educação Física tiveram nesse momento um reforço maior do esportivismo e sobremaneira, do futebol. Foi um período em que o lema “Esporte para todos”, ganhou forças, na busca de campeões em diversas outras modalidades, tentando tornar o Brasil uma potência Olímpica.

Na década de 1980, constatou-se que nada disso aconteceu e a Educação Física entra em uma profunda crise de identidade, pois surgia um novo discurso voltado ao desenvolvimento psicomotor, porém trazendo em seu bojo, uma forte influência do esporte.

Na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a Educação Física é finalmente integrada à proposta pedagógica da escola, como componente curricular da Educação Básica.

Nos últimos anos, a Educação Física ampliou muito seu leque de possibilidades, em termos de mercado de trabalho. O surgimento das academias e suas diversas particularidades, uma maior divulgação do esporte de competição, a importância dada pela medicina à atividade física, campanhas vinculando o exercício físico a aspectos de saúde, a “descoberta” da atividade física sistematizada para os indivíduos idosos, que passaram a trocar remédios por exercícios físicos, etc. Mas e na escola, o que mudou? Mesmo com um grande crescimento de publicações, eventos científicos e o surgimento de diferentes abordagens, a Educação Física Escolar parece ainda “patinar”, isto é, grandes discussões teóricas quanto à melhor forma de se trabalhar, porém a sua prática, principalmente a partir da 5ª série, prevalece a mesma das décadas anteriores, ou seja, com grande ênfase no esporte de competição, principalmente do futebol, em função de sua alta divulgação pela mídia.

Nesse sentido, uma das situações mais comuns tem sido o da especialização esportiva precoce. É comum encontrarmos crianças com todos os aparatos de atletas de alto nível apoiadas pelos familiares, principalmente os pais, sem que tenham ainda condições adequadas para isso. Machado, (2006, p.14), aborda a questão:

[...] a competição escolar precoce é deseducativa, porque não permite espaço para o jogo e sim à prática da atividade física, limitando movimentos e espaços, inibindo a criatividade pela busca do resultado. Sendo assim, entendemos que a competição escolar não tem existência, tendo em vista os objetivos pelas quais ela se produz.(MACHADO, 2006, p.14).

Ainda, complementando o assunto, aponta o problema da especialização precoce ocorrido na competição precoce.

A prática de uma modalidade exige especialização com relação às posições em função do resultado, do rendimento, enfim, da busca pela vitória. Estes procedimentos poderão ter conseqüências irreparáveis na formação de um atleta, podendo, até mesmo, proporcionar um final de carreira esportiva também precoce. (Ibden p.16)

Já Betti, (1998, p.16), diz que atualmente ninguém mais faz “aula de educação física”. Diz que fazemos aula de aeróbica, hidroginástica, musculação, dança e esporte. Enfoca que o termo educação física subsiste somente na escola, onde é quase um sinônimo de esporte. “Além do que, este termo torna-se polissêmico, passando a designar várias atividades – fazer ginástica, correr na rua, escalar uma montanha, saltar de uma ponte preso por uma corda elástica”.

O mesmo autor, relata que na década de 1990, assistimos a ascensão da cultura corporal e esportiva, chamada de “cultura corporal de movimento”, que surge como um dos mais importantes fenômenos nos meios de comunicação de massa e na economia.

O esporte, as ginásticas, a dança, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se, cada vez mais, produtos de consumo (mesmo que apenas como imagem) e objetos de conhecimentos e informações amplamente divulgados para o grande público. Jornais, revistas, videogames, rádio e televisão difundem idéias sobre a cultura corporal do movimento. Há muitas produções dirigidas ao público adolescente. Crianças tomam contato precocemente com práticas corporais e esportivas do mundo adulto. Informações sobre a relação práticas corporais-saúde estão acessíveis em qualquer revista feminina, em jornais, noticiários e documentários de TV, nem sempre com o rigor técnico-científico que seria desejável.(BETTI, 1998, p. 16)

Dessa forma, podemos nos considerar todos consumidores potenciais do esporte-espetáculo como telespectadores ou torcedores nos estádios e nas quadras; a proliferação de academias de ginástica e “escolinhas” de esportes atende às camadas média e alta, centros esportivos e de lazer públicos, oferecem, embora de maneira ainda insatisfatória, programas de práticas corporais à população de modo geral.

[...] Essa valorização social das práticas corporais de movimento legitimou o aparecimento da investigação científica e filosófica em torno do “exercício”, da “atividade física”, da “motricidade” ou do “homem em movimento” (BETTI, 1998p.17).

A partir dessas considerações, concordo com o autor quando defende que nesse contexto, a concepção de educação física escolar e as atividades ocorridas no ambiente das quadras, deve ser repensada e assumir a responsabilidade de formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante dessas novas formas de cultura corporal – “o esporte espetáculo, dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas, etc”. Sendo assim, acredito ser tarefa da Educação Física Escolar, fazer com que seu aluno entenda a importância de, por meio da atividade física sistematizada, buscar uma vida ativa e saudável, buscando tirar desse processo o melhor proveito possível. O professor de Educação Física na escola, não pode simplesmente ser um organizador de jogos. Deve levar seus alunos a terem conhecimentos das implicações biológicas, comportamentais e socioculturais das atividades desenvolvidas. Deve formar um indivíduo que possa avaliar aquilo que lhe é oferecido em programas de ginástica ou similares, identificando aquilo que melhor possa promover sua saúde e bem-estar. Assim, “o professor de Educação Física deve auxiliar o aluno a compreender seu sentir e seu relacionar-se na esfera da cultura corporal de movimento”. (BETTI,1998 p.19)

4.2 O futebol como elemento educativo

Por outro lado, há que se considerar o esporte, como visto anteriormente, como um dos conteúdos da Educação Física Escolar. O futebol, por sua vez, é a

modalidade mais jogada no mundo e com grande repercussão em nosso país, independente de classe social e de gênero. O futebol, enquanto elemento educativo e, se considerado na escola como jogo e não propriamente como esporte, no sentido de modalidade vinculada a federações e, portanto, com regras próprias, pode ser um dos principais elementos educativos durante as aulas de Educação Física. Trabalhado na escola pode ser adaptado a diversas situações, tais como quantidade de praticantes em um curto período de tempo, espaço nem sempre ideal à sua prática, material nem sempre adequado, entre outros. Entendo que uma das grandes vantagens dessa modalidade, é o fato de já haver, por parte dos alunos, uma grande familiaridade em função da ênfase dada pela mídia. Por outro lado, isso provoca, muitas vezes, sérios problemas, que devem fazer parte do processo de educação inerente à Educação Física.

O futebol a ser utilizado como conteúdo das aulas, deve, como dissemos, ter mais as características de jogo do que de esporte. A diferença é que para ser jogo, conceitualmente falando, basta ter regras, que são adaptáveis à diferentes momentos. Por exemplo, quando dois alunos, em seu horário de intervalo estão em uma quadra esportiva com uma bola, normalmente estão jogando um “gol a gol”, isto é um contra um, mantendo as características básicas do esporte, que é tentar marcar um gol no adversário. Com a chegada de outro aluno, estipula-se que quem fizer “x” números de gols, ganha e jogará contra o que está esperando. Com a chegada de um quarto aluno, o jogo se transforma em dois contra dois e assim sucessivamente, mantendo alguns elementos da modalidade, porém adaptados ao ambiente. Assim podemos entender, num processo educacional, que em se tratando de relações sociais, que devem fazer parte das discussões da Educação Física, este mesmo conceito de jogo será levado para seu dia-a-dia, entendendo que o futebol na rua, na praia, no clube, será um elemento de lazer, proporcionando-lhe não somente a prática de uma atividade física, mas do prazer na realização dessa atividade, além do contato com outras pessoas. Daí a importância de trabalharmos com todos os alunos e não somente com os mais habilidosos. Acredito que uma das principais funções do professor de Educação Física, seja justamente a de levar o aluno não habilidoso, a descobrir que pode sim, melhorar esta condição, mas criando também condições de motivação para o aluno que apresente mais habilidade.

Como sabemos, a prática do jogo de futebol se dá normalmente em qualquer ambiente. Mesmo dentro da escola é muito comum vermos os alunos criando espaços para o jogo nos mais inusitados locais. Mochilas se transformam em traves, paredes em linhas, quando não, os tênis viram bolas. Aliás, qualquer coisa que se possa chutar. As discussões de regras normalmente acontecem durante o próprio jogo, estimulando uma situação e criticidade importante para os alunos.

O momento que considero mais complicado, no que se refere aos aspectos de violência nas quadras escolares, acontece durante os jogos interclasses. Durante estas atividades, normalmente as regras da modalidade são seguidas com mais proximidade. A maioria das escolas brasileiras, apesar da forte influência do futebol de campo, tem como espaço para prática uma quadra em que normalmente se joga o Futsal. Ainda assim, todas as representações encontradas referem-se ao futebol de campo. A forma de agir, a ação das torcidas, o clima criado, é sempre próximo ao do estádio. Por se tratar de um momento em que a participação é voluntária, isto é, várias equipes são formadas pelos próprios alunos, que jogarão diante de um “público” conhecido, a possibilidade de violências é sempre maior.

5 A TV E AS PROJEÇÕES MUDIÁTICAS: ESCOLA E EDUCAÇÃO FÍSICA

A televisão mostra o que acontece?

Em nossos países, a televisão mostra o que ela quer que aconteça; e nada acontece se a televisão não mostrar.

A televisão, essa última luz que te salva da solidão e da noite, é a realidade. Porque a vida é um espetáculo: para os que se comportam bem, o sistema promete uma boa poltrona. (GALEANO, p.149)

5.1 O alcance da televisão

Afirmar que a televisão deva ser instituída ou execrada dos meios escolares nos parece ser uma discussão que levaria a grandes polêmicas. Ignorar que ela não tenha uma ação efetiva sobre a atitude das pessoas, também nos parece complexo. Difícil negar sua influência. A televisão é o veículo de comunicação de maior alcance no país e o meio de informação e entretenimento mais utilizado pelos brasileiros.

Para termos idéia do alcance da televisão, segundo dados do Instituto Marplan Brasil, mostram que no ano 2000, 98% da população acima de 10 anos assistiu Tv pelo menos uma vez por semana. Ainda divulgado pela mesma entidade, 87,4% dos domicílios do Brasil possuem televisores. A maior emissora do Brasil, a Rede Globo, atinge com seu sinal a 99,77% da população com aparelhos de televisão no Brasil. A seguir vem o Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT, que atinge a 97,58% dos lares. Com cobertura em menor porcentagem, seguem a Rede Bandeirantes, A Rede Record e a Rede TV (OLIVEIRA, 2000, p. 2).

Atinge também a todas as camadas sociais com 8% dos telespectadores pertencentes à classe A, 29% à classe B, 37% à classe C, 23 % à classe D e 3% à classe E (idem).

Outro aspecto importante a ser observado em se tratando de sua penetração e influência sobre as pessoas, é o fato de que 55,5% dos investimentos em publicidade destinados aos meios de comunicação, são aplicados na TV.

Como relatamos e observando os dados apresentados, nos parece claro que pela sua abrangência e até mesmo pelo montante de investimentos destinados às

propagandas especificamente para o telespectador, a televisão influencia a vida das pessoas.

5.2 Televisão e escola

Ao traçarmos a análise da televisão na escola, segundo Penteado, (1999, p.97), o fato dos sujeitos da escola serem telespectadores de muitas horas diárias, que se vierem a ser computadas, indicarão que entre os discentes, maior tempo ligados à TV, do que a atividades escolares. Segundo a autora, somente este fato já seria suficiente para trazer a TV para dentro da escola. Além destes, outros ainda poderiam se somar, entre eles, os alunos gostarem de ver televisão, de a verem com prazer e de aprenderem com a TV. Aprendem slogans, informações, modos de falar, entre outros.

Para Penteado (1999, p.98):

A escola é uma agência social de prestação de serviços que tem por meta a aprendizagem pelo corpo discente. Que se pretende que ele aprenda? Modos de falar, padrões de comportamento, modos ou parâmetros de julgamento, informações e conteúdos, padrões de análise.

A partir dessa análise, podemos entender que a televisão pode ser um elemento de cooperação, ou mais, uma valiosa ferramenta para o processo de aprendizagem dos alunos.

Por outro lado, para Betti, apoiado em estudos de Eurasquin, Mattila e Vasquez (1983), nos traz que

A moderna sociedade de consumo nega espaços lúdicos às crianças, e as submete a uma dinâmica de controle, conduzindo-as a um papel preestabelecido de espectadores de TV – elas passam muitas horas de suas vidas diante do televisor, numa contemplação passiva. Isso leva a uma teledependência cujo prejuízo para a criança são: redução de entrelaçar os vínculos familiares e chegar assim à compreensão de si mesmo; desfavorecimento do desenvolvimento verbal; não condução à descoberta das próprias potencialidades e debilidades pois não favorece oportunidades de fazer; e por fim, em virtude do rápido ritmo narrativo, caracterizado pela constante troca de planos, o condicionamento a uma leitura “automática” que a criança não

controla nem compreende, que só exige contínuas novidades imagísticas, e não permite um mínimo de reflexão e capacidade crítica. (BETTI 1998, p. 38).

Argumenta ainda que a televisão teria consolidado, segundo os autores citados, a posição de ter a criança como uma consumidora, destruindo assim a autonomia de sua infância levando-a a tornar-se uma receptora até mesmo de valores alheios ao seu ambiente. Por estarem ainda em uma fase de formação de seus gostos estéticos, isso traria como consequência uma ruptura com as tradições da cultura infantil, isto é, estariam erradicadas a tradição das músicas infantis, pois a televisão delas se utiliza principalmente como elemento para o consumo, a substituição dos jogos infantis e os efeitos sobre a própria linguagem, pois a televisão traz uma linguagem empobrecedora e uniformizadora da língua. Concluem dizendo que a luta por uma televisão com nível de qualidade está perdida, restando controlar os seus efeitos e tentar diminuir a sua taxa de consumo (idem, p.39).

Por outro lado, Betti, citando Penteado (1991, p. 68), contradiz os autores acima citados afirmando que

Embora a televisão reduza a imagem a índices, o telespectador veria ampliado o seu universo de ícones, os quais, por serem signos que não requerem compreensão prévia, são capazes de propor o novo, mobilizar a consciência icônica em direção à consciência *simbólica* mais elaborada, que investiga e busca sentido. Desconhecem ainda que a televisão amplia o universo do telespectador para além dos limites socioculturais imediatos, desconsideram sua capacidade de significar a realidade imediata, pensar sobre ela e compará-la àquela apresentada pela televisão, e a possibilidade de exploração do potencial revelador da linguagem televisiva. É preciso aprender a ler o texto televisivo.

Ainda abordando este conflito, faz menção aos estudos de Eco (1970), que fala dos homens apocalípticos e integrados e que acredito possamos trazer como uma divisão para os educadores. Os apocalípticos “a cultura aparece como um apuramento solitário da interioridade, que se opõe à vulgaridade da multidão, uma cultura elaborada de modo a ser partilhada por todos(...) pode dar apenas um testemunho extremo, em termos de Apocalipse”

Acusa-os de incapazes aceitar eventos históricos que criam uma nova relação entre “um público alargado e os produtores culturais”.

Em contrapartida, os integrados são os otimistas que entendem que os bens culturais estão dessa forma, à disposição de todas as pessoas por meio das diversas mídias: televisão, rádio, jornais, entre outras, permitindo que recebam informações de maneira leve e agradável.

[...] estamos vivendo numa época de alargamento da área cultural, na qual se realiza a circulação de uma arte e de uma cultura “popular”. Não há problema se essa cultura “vem de baixo” ou “de cima”, porque, os apocalípticos sobrevivem elaborando teorias sobre decaDência, os integrados raramente teorizam, e assim operam e emitem sus mensagens em todos os níveis (BETTI, 1998, p.41).

Portanto, se faz necessário termos cuidado ao refletirmos sobre a televisão, principalmente no âmbito escolar. Acreditamos que seja mais interessante os professores a entenderem como algo atrativo e poderem usá-la como recurso para suas aulas, partindo do pressuposto de que o aluno gosta da televisão. Por meio dessa percepção, entendemos que também pode ser papel do professor orientar seus alunos quanto à programação mais adequada. Penso porém, que este professor precise estar “atenado”, para se colocar nestas condições. Assim, a escola que não ensina a assistir televisão, não educa.

5.3 Mídia, televisão e educação física

Este tema trata especificamente da conceituação de mídia e televisão relacionando-as às quadras esportivas escolares, trazendo a discussão de possibilidades de ações do professor de Educação Física.

Para DARIDO (2006, p.18), “Assim como às demais disciplinas escolares, caberá à Educação Física manter um diálogo crítico com a mídia, trazendo-a para dentro da escola a fim de promover a discussão e reflexão”.

Já Betti, (1998, p.19), complementa:

Também pela mídia são vinculados valores a respeito de padrões de beleza, corpo perfeito, estética, saúde, sexualidade, desempenho, competição exacerbada e outros. Tais temáticas são preocupações comuns a todo jovem e devem estar presentes no contexto escolar, de tal modo que os conhecimentos construídos possibilitem uma análise crítica dos valores sociais, que acabam por se transformar em instrumentos de exclusão e discriminação social .

O termo mídia, segundo Darido, (2006, p.129), é derivado do latim “media” e tem como significado o plural de meio (medium). Atualmente, é usado como “sinônimo para os meios de comunicação de massa, que constituem a indústria cultural.” Entre estes meios podemos citar principalmente a televisão, o rádio, o cinema, a internet, jornais e revistas.

A principal função atribuída à mídia, (ibdem, p.130), é a de transmitir mensagens para um grande número de expectadores ou receptores. As transmissões são veiculadas por grupos que controlam a comunicação de massa e por anunciantes que pagam para terem suas idéias transmitidas, objetivando influenciar suas escolhas, principalmente no que se refere aos hábitos de consumo. Moiola, (2004, p.39), relata que as discussões a respeito da influência da mídia no cotidiano das pessoas têm merecido análises criteriosas, assim como são essas ações são processadas em ambientes como a escola, a família, os clubes, equipes esportivas, entre outros, pressupondo, principalmente nas crianças alterações nos procedimentos, na conduta e no comportamento. Um claro exemplo disso, diretamente relacionado a um evento esportivo, foi o número de crianças no mundo, que após a final da Copa do Mundo de Futebol, optou por cortar os cabelos como o atleta Ronaldo, apelidado “Fenômeno” no modelo “Cascão” (personagem de histórias em quadrinhos). Pudemos observar ao participarmos de eventos esportivos escolares de futebol, um significativo número de alunos, que motivados pelo craque, aderiram à sua imagem.

Com a facilidade de acesso aos meios de comunicação, a população em geral elege a TV como uma das principais opções de lazer, o que resulta em uma excessiva exposição das crianças aos programas de televisão. Essa frequência provoca uma incorporação de novos hábitos, atitudes e condutas, ditados pela mídia, proporcionando a manutenção dos signos sociais, normas, valores e o fortalecimento dos padrões sexuais (MOIOLI, p.37).

Para Machado, (2006, p. 39),

[...] a valorização e a expansão dos meios de comunicação exerce um papel fundamental nas relações humanas, transformando seus hábitos, atitudes e essencialmente seus relacionamentos pessoais, bem como suas formas de valorar o universo a que pertencem. Nesse caso, a comunicação influencia na avaliação que as pessoas efetuam umas das outras, estabelecendo e construindo o desenvolvimento do autoconceito e da auto imagem, consolidando uma forma de viver, compatível com as idéias pré-concebidas pelos canais interferentes.

Segundo Betti, (1998, p.68) entre as demais funções da mídia, relacionando-a mais diretamente com a Educação Física e o Esporte, está a de criar polêmicas seja sobre o resultado de uma competição, seja sobre o rendimento de um atleta ou equipe. Esse conteúdo continua por várias edições dos programas. Atribui isso à fragmentação daquilo que é mostrado, apresentando algo de maneira parcial, dando ênfase a apenas uma perspectiva ou à parte de um todo. Compara essa forma com a reprodução da realidade cotidiana, pela própria mídia. Ainda dentro das funções atribuídas à mídia nesse contexto, diz que podem ser categorizadas como a “adrenalina” quando relacionada aos esportes radicais, ou “espetaculares” em se tratando de momentos extremos da prática esportiva, mesmo que de modo bizarro, como em acidentes fatais. Surgem ainda aspectos de “nostalgia”, quando da comparação de dados ou de recordes estabelecidos recentemente em relação aos do passado. Fala do “cotidiano”, apresentando ídolos do esporte em suas atividades diárias. Dá relevância ao status “ao vivo”, quando se dá importância de assistir a uma competição no momento em que ela está ocorrendo e o uso do “replay”, para que possamos “ver de novo” os lances mais importantes, além, logicamente, do “anúncio publicitário”, tentando vender tudo o que se relacione à prática de atividades físicas.

Além dessas categorias, Betti, (apud DARIDO, 2006 p. 132), nos traz que:

[...] também a influência da globalização deve ser analisada, pois a ênfase em atividades físicas típicas de uma tradição cultural diferente da brasileira pode modificar o modo como compreendemos nossa sociedade e seus valores. Por exemplo, a valorização do futebol em nosso país está relacionada ao componente estético do jogo, que

compreende um caráter subjetivo e de expressividade dos participantes. Esses elementos geralmente não “aparecem” no resultado de uma partida, mas a ênfase que a mídia deposita é nos resultados e no componente objetivo de uma competição, especialmente em eventos internacionais, pois são esses elementos os mais valorizados em outros países (DARIDO, 2006 p. 132).

Segundo Machado, (2006 p.39), podemos perceber o poder da mídia nos meios esportivos, quando os horários de competições são estipulados pelas emissoras de TV ou ainda, quando em eventos como a Copa do Mundo de Futebol, mobiliza um país inteiro levando o público a assistir aos jogos e realizar comemorações e reuniões em espaços públicos, entre outras ações.

Arlindo Machado, (apud FISCHER, 2003 p.14), nos diz que

Televisão é um termo muito amplo, que se aplica a uma gama imensa de possibilidades de produção, distribuição e consumo de imagens e sons eletrônicos: compreende desde aquilo que ocorre nas grandes redes comerciais, estatais e intermediárias, sejam elas nacionais ou internacionais, abertas ou pagas, até o que acontece nas pequenas emissoras locais de baixo alcance, ou o que é produzido por produtores independentes e por grupos de intervenção em canais de acesso público.

Para Guimarães,(2001, p.20),

[...] a televisão é o veículo de comunicação de massa com maior inserção e alcance. Abarca todo tipo de público nos mais diferentes lugares, independente da situação de classes, credo religioso, sexo ou idade. Está presente na vida das pessoas como uma das mais importantes formas de lazer, definindo muitas vezes os horários das refeições, a distribuição dos móveis da casa ou quando e quanto dormir (GUIMARÃES, 2001, p. 20).

O autor claramente nos sugere que estes horários, principalmente do almoço, são os que apresentam maior número de programas esportivos, buscando aliar o tempo comprometido das refeições, com informações referentes à prática esportiva, principalmente o futebol. Outro aspecto que pode ser notado, é que muitos restaurantes mantêm aparelhos de TV ligados neste período, buscando oferecer um entretenimento aos clientes.

Hoje, um dos modos privilegiados de estar no espaço público é estar na mídia, é estar na tela da TV. Mas estar de que modo? Um dos valores é estar lá como destaque, como grande astro, ou então como simples mortal que de alguma forma conheceu o sucesso, a “grandeza”, o “heroísmo” (FISCHER, p.35).

Em contrapartida, Bandura, (apud MACHADO, 2006, p.40) evidências em estudos experimentais levam a concluir que “a exposição a modelos agressivos, diretamente ligados à televisão produz comportamento agressivo nos telespectadores.”

Assim, segundo Betti, (1998 ,p.31), fica claro que já não é possível referir-se ao esporte atualmente sem relacioná-lo aos meios de comunicação de massa. Que o ideal aristocrático do esporte associado ao naturalismo e ao lazer perdeu-se na medida em que o esporte passou a ter funções políticas e econômicas cada vez mais importantes. A relação esporte-televisão vem alternando, progressiva e rapidamente, a maneira como praticamos e percebemos o esporte (idem).

5.4 Caracterização da pesquisa e sujeitos

Esta pesquisa caracterizou-se em uma linha qualitativa, sem desqualificar os dados quantitativos, tendo estes como indicadores e não como representação exata da realidade . Teve como base a observação de aulas de Educação Física das 1ª, 2ª e 3ª séries do Ensino Médio, na prática do futebol e aplicação de questionário para os 98 alunos presentes, com idade variando de 15 a 18 anos, divididos em 39 alunos no primeiro ano, 30 no segundo e 29 no terceiro. Neste segmento são oferecidas duas aulas de cinquenta minutos semanais da disciplina. Normalmente na primeira aula da semana há discussão de aspectos teóricos, apresentados em sala de aula. Após dirigem-se para as quadras. O grupo era composto por meninas e meninos, sendo que 17%, segundo a pesquisa, não se interessam por programação esportiva na televisão. Este índice também se mostrou semelhante quanto ao número de praticantes durante as aulas de Educação Física. O trabalho de observação foi especificamente das aulas, pois jogos interclasses ocorrem em outro período do ano letivo e já haviam se encerrado.

Buscou-se presenciar as situações em que o objeto de estudos se manifestasse espontaneamente, anotando-se os elementos que se presumiam mais relevantes para uma análise detalhada.

5.5 O Estabelecimento de ensino

A Unidade de Ensino pesquisada é um colégio particular da cidade de Santana de Parnaíba, sendo todos os alunos moradores nos condomínios Alphaville e Tamboré, considerados de classe média e alta. Têm três quadras cobertas, além de outros equipamentos (espaços) destinados à prática da Educação Física, tais como: piscina coberta e aquecida, sala de ginástica, sala de projeção, além de material compatível para as respectivas faixas etárias. O referido colégio conta com um total de 840 alunos, distribuídos em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. É uma unidade inaugurada no ano de 1999, portanto, relativamente nova. Têm duas portarias, que contam com profissionais durante todo o dia, com aumento de contingente nos momentos de entrada e saída dos alunos. Parte destes profissionais atuam também como inspetores nos horários de intervalo. Cada segmento, Educação Infantil, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, tem um bedel à disposição, que auxiliam durante os respectivos horário de intervalo. O colégio fica relativamente afastado de residências (próximo somente a um condomínio), dessa forma, a maioria dos alunos deslocam-se até a escola em carros particulares ou vans. A entrada de pessoas consideradas estranhas ao colégio se dá somente com autorização de responsáveis e mediante apresentação de documentos.

Do lado de fora, há uma viatura de segurança particular que permanece o dia todo, rondas da Guarda Municipal e dois seguranças, munidos de rádios transmissores. Pudemos perceber, não só por estas informações, mas também pelo contato que tivemos com funcionários e professores, uma grande preocupação da direção da escola, com aspectos referentes à segurança dos alunos.

5.6 As observações das aulas

No período em que as dezoito aulas de Educação Física foram assistidas, procurou-se observar atitudes e comportamentos dos alunos e também dos professores.

O professor normalmente não atua como árbitro, não apitando os jogos, deixando que os alunos definam situações do jogo. Argumentou que esta é uma forma de dar autonomia aos alunos, uma vez que estes já têm conhecimento dos jogos, em função das aulas nas séries anteriores trazerem as informações necessárias para que se utilizem nesse momento. Intervém sempre que necessário, seja por conta de uma dúvida em relação às regras ou algum tipo de atitude que requeira sua intervenção. É mais comum sua intervenção nos jogos dos meninos do que no das meninas. Estas praticam a modalidade de maneira mais lúdica, sem preocupação com as regras, que são adaptadas ao grupo. Não há participação da totalidade dos alunos em nenhuma das turmas.

Quanto aos atos propriamente ditos, foram levantadas 61 situações de violências, ou seja, uma média de 3,3 atos de violências por aula. Das violências observadas, 18 atos foram jogadas violentas atingindo o adversário, caracterizando a violência concreta; 4 situações de empurrões por conta das entradas violentas, 29 discussões com os adversários, por conta das entradas violentas ou por discordância na aplicação das regras; 8 discussões com alunos da mesma equipe, por não passarem a bola ou por errarem lances considerados fáceis e 2 “solicitações” ao professor para que prestasse atenção ao jogo, uma vez que este estava conversando com outro aluno. Dessa forma podemos entender que tivemos 36% de violência concreta e 64% de violência simbólica, subdividida em diversas situações. Houve intervenção do professor em praticamente todas as situações de violência concreta, solicitando calma e conversando com os alunos. Nenhum aluno foi punido ou retirado da aula em função dos atos ocorridos. Ao final da aula o assunto foi retomado em conversa com toda a classe.

5.7 Resultados do questionário

O questionário foi aplicado em sala de aula, para todos os alunos e alunas dos 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, no período que antecedia a ida para a quadra, durante as aulas de Educação Física. Foram entrevistados noventa e oito alunos. Seguem as questões:

1 - Você assiste transmissão de jogos de futebol pela TV? Com que frequência?

2 - Assiste a programas esportivos? Quais?

3 - Que assunto ou tema vinculado ao futebol mais chama sua atenção durante as reportagens?

4 - Quais os canais de TV que você mais assiste as programações esportivas?

5 - O que você entende por violência?

6 - Já ouviu falar de violência simbólica ou intermediária?

7 - Quais os atos de violências que normalmente identifica durante uma partida de futebol:

* dos jogadores:

* dos torcedores:

*outros (identifique):

8 - Durante as aulas de Educação Física, ocorrem atos violência? Quais os mais comuns?

9 - Durante os jogos de futebol interclasses ocorrem atos de violência? Quais os mais comuns?

10 - Você reconhece nas quadras ou na escola violências similares às veiculadas pela TV?

11 - Aponte uma saída para a violência identificada na questão anterior.

12 - Como é tratada pelo professor, funcionários, diretores e pelos alunos as referidas violências?

13 - Você acha que os atos de violências que ocorrem durante as aulas de Educação Física e jogos interclasses, tem influência da TV?

14 - Qual o fato do futebol profissional (apelido, gozação, violência física...) você acha que foi mais marcante recentemente?

15 - Você acha que a TV influencia nestes fatos?

Ao computarmos as porcentagens, alguns números poderão não fechar. Isso ocorreu porque os alunos puderam optar por mais de uma resposta no questionário.

A primeira questão feita aos alunos foi se assistiam transmissão de jogos de futebol pela TV e com que frequência. 18% dos entrevistados não assistem, 11% raramente, 28% ao menos uma vez na semana, 21% duas vezes na semana, 8% três vezes na semana e 14% mais que três vezes na semana. Dessa forma podemos detectar que 71% dos alunos assistem futebol semanalmente.

Quanto a assistirem a programas esportivos, 57% responderam que não assistem e os outros 43% assistem ao menos uma vez na semana. Os alunos pesquisados puderam optar por mais do que um programa em sua resposta. O mais assistido é o Globo Esporte que é transmitido pela Rede Globo, de segunda a sexta-feira, das 12h45 às 13h15, que atinge 54% dos alunos que assistem a programas esportivos. Nos chamados canais abertos, além do Globo Esporte, os alunos citaram também, o Mesa Redonda, Debate Bola, Terceiro Tempo, Esporte Espetacular, Bola na Rede e Ta na área, respondendo por 70% das respostas. Esta variação ocorre em função dos alunos assistirem a mais de um programa esportivo, pois estes passam em diferentes canais ou em horários diferentes. Nos canais fechados, os programas mais assistidos são o Arena Sportv e o Bem Amigos, que representam juntos 34% das escolhas. Foram citados ainda o Rock Gol, o Sport Center e o Sport News.

Sobre o assunto ou tema referentes ao futebol profissional, o que mais chama atenção dos alunos são os gols que correspondem a 33% das respostas. A seguir aparecem os melhores lances dos jogos. O terceiro assunto mais citado foram as violências, com 18%. Dentro deste item, vários diferentes situações foram levantadas, entendidas por nós como atos de violência. Os termos mais usados foram violência e agressões, seguidas de brigas, pancadaria, faltas violentas, brigas de torcida, preconceito e doping. Chamou minha atenção a resposta de uma aluna, quanto à violência: "...brigas de torcida me assustam". 13% dos alunos deixaram a resposta em branco.

Quanto ao canal que mais assistem as programações esportivas, os alunos puderam apontar mais do que uma resposta. 13% não assistem a nenhuma. A Rede Globo corresponde a 56% das respostas, seguida do Sportv com 44% , ficando a

ESPN responsável por 40% das escolhas. A Bandeirantes e a Rede TV foram citadas por 10% dos alunos.

A questão seguinte solicitava dos alunos o que entendiam por violência. Houve uma diversidade de respostas, com algumas apresentando semelhanças e portanto, foram agrupadas. Seguem as mais citadas:

Agressão física ou verbal, 45% das respostas;

Agressão física ou mental, 10%;

Prejudicar física ou moralmente o outro, 10%;

Agressão física, 7%

Desrespeito, 5%;

A seguir, apresentaremos as outras respostas, que correspondem a uma ou duas citações e que complementam o cálculo da porcentagem:

Agressão sem possibilidade de defesa;

Um reflexo de alguém vazio que procura expor-se ou libertar-se de si mesmo através da vida de outras pessoas;

Ato que machuca não só com ações;

Forma não muito boa de tratar as pessoas;

Algo péssimo e destruidor;

Machucar, matar entre outros tipos;

O contrário de paz;

Bulling;

É um tema muito genérico. Existem vários tipos e jeitos de conceituá-la;

Algo irracional e brutal;

Agressão física, verbal e psicológica;

Uma coisa ridícula que algumas pessoas praticam para atingir um objetivo que não justifica seu uso;

Uma ação que nem sempre pensamos nas conseqüências, difícil de controlar, principalmente na hora do nervoso;

Tentar resolver seus problemas na base da pancadaria. Maltratar uma pessoa, inocente ou não;

Uma extensa agressividade;

Brigas e xingamentos;

Agressão ou constrangimento que é praticado a uma pessoa;

Ação brutal.

A questão seguinte indagou se os alunos conheciam violência simbólica ou intermediária. 71% não as conheciam, 29% conheciam a violência simbólica e nenhum aluno ouviu falar de violência intermediária. Um aluno comentou que conhecia violência simbólica em função de um trabalho sobre bullying, solicitado quando ainda estava na 5ª série.

Ao serem questionados sobre quais atos violentos normalmente identificam durante uma partida de futebol, por diferentes atores, os alunos puderam apresentar mais de uma resposta, assim:

Quanto aos jogadores:

86% das respostas apontaram a violência física, referente a faltas consideradas violentas; 46% observaram também violências verbais entre os jogadores e contra os árbitros pelos jogadores e 5% dos alunos colocou as brigas entre os jogadores.

Especificamente quando questionados sobre os torcedores, responderam:

58% citaram brigas e/ou violência física;

47% colocaram agressões verbais entre os próprios torcedores e árbitros;

Citaram ainda:

invasão de campo;

arremessos de objetos no gramado;

destruição de patrimônio;

atos hostis de torcidas organizadas;

torcedor com tacos de madeira nas mãos;

Ao solicitarmos outros atores, os alunos puderam escolher, assim colocando:

discussão entre técnicos e jornalistas;

discussão entre técnicos e árbitros;

técnicos agindo com jogadores de forma ofensiva;

dirigentes e árbitros;

Ainda no questionamento sobre outros atores, 32% dos alunos pontuaram a ação da polícia, com os seguintes eventos:

usam a violência em defesa do cidadão;

utilizam violência psicológica;

abusam do poder e força;

agridem fisicamente;

repressão;

violência contra torcedores;
desrespeito.

Na questão referente a atos de violências ocorridos durante as aulas de Educação Física, 68% disseram que estes ocorrem, 30% responderam que não e 2% não sabiam. Os atos mais citados referem-se a agressões verbais, caracterizadas por xingamentos, ofensas e apelidos indesejados. As agressões físicas mais consideradas, foram as faltas violentas, entradas desleais e jogadas mais fortes. Citaram ainda acidentes, indivíduos machucados e *bullying*.

Na questão referente aos jogos interclasses, em que os alunos puderam apresentar mais de uma resposta, estes dados se alteram significativamente. 11% dos alunos não assistem a tais eventos e 89% afirmaram ocorrer atos de violências, isto é todos os alunos que o assistem ou dele participam, afirmam haver ocorrência de tais atos. 47% das respostas frisaram as agressões físicas entre os jogadores, destacando-se faltas graves e brigas; igualmente 47% destacam a violência verbal, aqui incluindo ofensas, discussões, falta de respeito e xingamentos; 28% destacaram as ações das torcidas que incluem brigas e xingamentos. Alguns alunos afirmaram que as torcidas de algumas classes agem como torcedores de times profissionais, inclusive cantando algumas músicas que se ouvem em estádios, como por exemplo “bota pra f...” ou “se o 2º (ano) não ganhar olê, olê, olá, o pau vai quebrar”. Uma resposta especificamente chamou minha atenção, quando o aluno diz que considera um ato de violência “a sujeira deixada pelos alunos na arquibancada”.

Sobre a relação da escola com a TV, isto é, se os alunos reconhecem nas quadras ou na escola violências similares as veiculada pela TV, 71% respondeu que sim e 29% que não, porém não podemos esquecer que 18% dos entrevistados responderam anteriormente que não assistem a jogos de futebol pela TV. Assim, dos que assistem, 9% somente não reconhecem similaridades entre as violências do futebol na TV e as quadras escolares.

Solicitados sobre a possibilidade de apontarem uma saída para as violências acima apontadas, 36% dos alunos disseram não saber ou não terem sugestões de saídas. Dos 64% restantes, obtivemos respostas bastante diversificadas, porém algumas apresentaram similaridades e foram agrupadas. Das que mais se destacaram, citamos:

Educação, 10% das respostas;

Maiores punições, 9%;

Arbitragens rigorosas e com critérios, 7%;
Maior conscientização, 6%;
Suspensão do evento, 5%;
Educação de como se comportar em quadra, 5%;
Outras respostas com menor porcentagem:
Passar o que é certo ou errado na TV;
Campanha sobre respeito no esporte;
Separar as torcidas;
Trabalhos comunitários para os infratores;
Manter a ordem através da razão;
Aulas especiais para a educação sobre o assunto;
Conversas;
Melhor preparo para ações que contém violências;
Polícia na escola;
A violência nunca será eliminada por completo;
Controlar a agressividade;
Profissionais mais bem formados;
Não ver TV
Intervenção dos professores.

Ao serem questionados sobre como são tratadas as referidas violências pelos professores, funcionários, diretores e pelos alunos, responderam de maneira genérica, não especificando os atores. Apontamos as respostas mais significativas:

Não sabem, 14%;
Tentam impedir (separar, acalmar), 24%;
Com punição (advertência ou suspensão), 21%;
Reprimem (condenam, impõe respeito), 16%
Conversam a respeito (tentam resolver, falam para não repetir), 15%;
Ainda tivemos como respostas:
Não tomam atitudes severas;
Não se importam, com indiferença;
Não incentivam;
Alunos incentivam;
Não é relevante tal violência.

Sobre acharem se os atos de violências que ocorrem durante aulas de Educação Física e jogos interclasses, têm influência da TV, 69% entendem que sim, 30% que não e 1% não sabe.

Sobre o fato do futebol profissional que acham ter sido mais marcante recentemente, assim se colocaram:

Não responderam, 14%;

Cabeçada do francês Zinedine Zidane, contra um jogador italiano, na final da Copa do Mundo de 2006, 36%;

O caso do atleta Richarlyson, chamado de homossexual por um dirigente de futebol, 13%;

Apelidos à torcida do São Paulo F.C. – bambi, gay..., 9%;

Apelidos racistas (macaco), 8%;

Outras respostas com menor porcentagem:

Cotovelada do atleta Kleber, do Palmeiras, contra um adversário;

Invasão de campo pela torcida corintiana em jogo contra uma equipe argentina;

Embaixadas do jogador Edílson, supostamente menosprezando os adversários;

Agressão contra arbitragem;

Gozações com o atleta Ronaldo, em função de envolvimento com homossexuais;

Jogador da equipe do Botafogo, do Rio de Janeiro, que arrancou o cartão da mão do árbitro;

Jogador que, ao marcar um gol, comemora colocando o dedo na boca, sinalizando para a torcida adversária ficar quieta;

Fumaça no vestiário da equipe do São Paulo, em jogo contra o Palmeiras.

O último questionamento foi se o aluno acha que a TV influencia nestes atos. 83% responderam que sim e 17% que não. Além dessas respostas, alguns complementos merecem destaques: “os jogadores idolatrados são imitados em todos os seus atos, até os violentos e ofensivos”; “a Tv influencia muito certos atos nossos”; “sim, existe muito sensacionalismo envolvido, inconscientemente.”

5.8 Concluindo

Os resultados da pesquisa não nos permitem comprovar integralmente todas as hipóteses apresentadas, porém indicam que há projeção de violências mostradas

pela televisão nas aulas de Educação Física. Os dados apresentados indicam um grande interesse em eventos esportivos e mais especificamente no futebol. Por meio das hipóteses levantadas, pudemos perceber que a maioria dos alunos assiste a jogos de futebol pela televisão e acredita, que de alguma forma, isso influencie em suas atitudes durante as aulas e também em jogos extra-classe. O trabalho de observação das aulas indica que há considerável influência da mídia televisiva nas ações dos alunos durante estas aulas. Por meio dessa observação, pudemos constatar que até mesmo gestos de atletas, tais como comemoração de gols, formas de vibrar em determinadas situações, entre outras, são repetidos pelos alunos. Assim, com a suposta influência da televisão, espera-se que o tema deva suscitar outras pesquisas visando compreender melhor seus efeitos nas aulas de Educação Física escolar e suas implicações na formação dos alunos. Não notamos durante as observações, discussões do professor com os alunos a partir de situações exploradas pela mídia televisiva. Acreditamos que tenham perdido uma oportunidade de aproveitar a própria mídia para discuti-la, principalmente no momento em que esta se mostra na quadra, com os alunos reproduzindo situações da televisão. Esta afirmação encontra apoio em Betti (1998, p.39):

Desconhecem ainda que a televisão amplia o universo do telespectador para além dos limites socioculturais imediatos, desconsideram sua capacidade de significar a realidade imediata, pensar sobre ela e comparar àquela apresentada pela televisão, e a possibilidade de exploração pelo potencial revelador da linguagem televisiva. Em suma: é preciso aprender a ler o texto televisivo.

Para Betti (1998, p.40) o professor deve entender que o aluno não é um telespectador passivo, já que traz para seu cotidiano aquilo que foi observado na televisão. Pode debater os conteúdos culturais, introduzir a aprendizagem da imagem na programação escolar, capacitar os alunos a entender de modo crítico a programação da TV e ainda estimular a manipulação direta das imagens apresentadas, pelos próprios alunos, fazendo mais que reproduzir, discutir e levantar questões a respeito da forma como a televisão penetra em nossas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conjunto das ações que definem a dimensão da pesquisa realizada vamos, nesta etapa, apresentar os saberes produzidos que permitem tornar a problemática mais observável, menos opaca. São eles de natureza interdisciplinar e estão longe de tornar o fenômeno conclusivo, pelo contrário, expomos idéias carregadas de complexidade e centrada em uma diversidade desafiadora à multiplicidade de olhares. Partimos do pressuposto que a violência midiática televisiva é projetada para as instituições escolares, postulado confirmado ao final da investigação. A geografia escolar bem como os atores da instituição são os alvos preferenciais. Professores, alunos e funcionários vivem cotidianamente agressões e poucos são habilitados a trabalhar com as violências. Despreparados pelos cursos de graduação ou de incentivo de formação continuada, encontram soluções tão violentas quanto as ações que pretendem combater. É a famigerada violência contra a violência, cuja organicidade explicativa ficou evidenciada: - não existe uma violência televisiva que imputa as escolas se constituírem autonomamente, mas um conjunto de violências que precisam ser contextualizadas. Aí reside a estratégia teórico-metodológica de abordagem que rompe com a fragmentação de conhecimento. Os objetivos colimados permitem afirmar que fracionar saberes para produção de novos conhecimentos é um erro de avaliação metodológica. Pesquisa nenhuma se consolida a partir de uma individualidade dos envolvidos ou entre os pesquisadores. O aporte, já não recente, valoriza a integridade dos intercâmbios nas diferentes áreas de conhecimento e aponta para soluções coletivas durante a cultura de ensino-aprendizagem. Surge, então, o motor da interdisciplinaridade, nele levamos em consideração a disciplinaridade, a pluridisciplinaridade, a organização multidisciplinar e o pensamento focado por intermédio da transdisciplinaridade. A interdisciplinaridade revelou-se um recurso metodológico adequado aos objetivos e as hipóteses de trabalho.

Outra contemplação da pesquisa responde pela realidade das instituições escolares, ela difere em número e qualidade de acordo com os espaços ocupados, com os índices socioeconômicos dos atores e com as políticas promovidas pela municipalidade, estados, da ordem federal e pela iniciativa privada. Historicamente o setor particular gozou de maiores vantagens materiais, didático estrutural com

professores melhores qualificados. São razões aparentes não verificadas in loco, isto é: hoje as referidos espaços de educação vivem cotidianamente conflitos e com enormes dificuldades conseguem resolver seus problemas satisfatoriamente. Elas são sim alvos de ataques e das violências. Sublinhamos: nosso interesse inicial foi o estabelecimento particular por vários motivos; primeiro, durante 25 anos de prática pedagógica, pudemos sistematizar saberes que sugeriram a escolha temática. Segundo, desmistificar a relação entre poder aquisitivo e violência tem, somente, parte explicativa. Em nosso estudo constatamos que o setor que se beneficia dos bens produzidos pela nação também é alvo de agressões. Acontece que a criação de novos paradigmas deslocou a compreensão conceitual sobre violências. Hoje trabalhamos com a concepção de concreta, simbólica e intermediária.

No que se refere às concepções de violências, afirmamos que este é um tema inconcluso, principalmente quando o trazemos para o âmbito da escola, afinal, qual a definição para violência escolar? Até quando projetaremos a violência usual do cotidiano, tal qual é definida por especialistas, para as instituições escolares? Dificuldades foram encontradas na busca por esta definição, pois alguns autores empregam diferentes termos, tais como agressão, hostilidade, virilidade, entre outros, para caracterizar ações e situações semelhantes, proporcionando uma confusão conceitual para o problema.

A partir das articulações do Grupo Interdisciplinar Poder e Disciplinamento - Podis, de Sorocaba, aparecem discussões a respeito da violência intermediária, surgindo esta, entre a simbólica e a concreta. A simbólica aponta a submissão dos dominados pela imposição de regras, pela violação de direitos e domínio de linguagens portadoras de força. Podemos entendê-la como uma violência mais sutil, porém, não menos efetiva. A concreta, como manifestação de força, também pela dor, pelo sofrimento.

Não existe nenhuma sociedade com respectivas "classes sociais", isto é: atores sociais poupados das agressões sob forma de violência. Constatamos que representação estudada que as violências concreta, simbólica e intermediária assediam os envolvidos, professores, alunos e funcionários da escola.

Residualmente compreender a violência por intermédio de definições é apostar no fenômeno independentemente do contexto. A pesquisa com apoio da pauta interdisciplinar estabeleceu: só é possível desvendar as complexidades do tema a partir da contextualização. De resto, é fragmentar o olhar que induz aos

sucessivos erros de avaliação. Portanto, o caminho diagnosticado é o da conceituação que torna os atores envolvidos parte essencial à subtração de conhecimentos aprofundados e à criação de novos paradigmas.

Salientamos que na diversidade dos espaços da escola escolhemos os eventos ocorridos na quadra desportiva, celeiro de confrontos entre as hipóteses levantadas, a abordagem teórico-metodológica e o acontecimento das agressões.

Concluimos que o desafio superado foi o de compreender que as pesquisas nessa área carecem de uma visão interdisciplinar, cuja centralidade está na valorização do contexto. Já o consenso é o disciplinamento que não leva em consideração o exercício das diferenças, pois no olhar interdisciplinar, consiste abandonar as fragmentações de conhecimento, em uma definição que seja válida para qualquer realidade. Surge ainda a dúvida em relação a como analisar uma agressão ou ato violento, pois a avaliação do comportamento depende da perspectiva adotada para analisá-lo ou julgá-lo. Um comportamento considerado justo pelo agressor pode não o ser pelo agredido.

Na perspectiva dos resultados observamos que o futebol goza de alta popularidade entre os estudantes de ensino médio constatado pela adesão à programação esportiva indicada. Do grupo analisado, todos os alunos têm acesso tanto à televisão aberta quanto fechada ou paga, o que lhes permite uma diversidade maior na programação, nesse caso esportiva, que apresentam diferentes formatos e estilos de programas.

Gols, gols e mais gols, isto é o que gostam de ver, além dos lances mais bonitos. O que aparece a seguir são as violências. Ao relatarmos a percepção das violências nos jogos de futebol e sua reprodução durante as aulas, podemos inferir que a programação esportiva da televisão exerce influência na formação de conceitos e atitudes dos alunos em especial nas quadras esportivas escolares. Concluimos que as aulas de educação Física e os eventos escolares, oferecem um espaço importante na discussão e reflexão sobre como interpretar os fatos apresentados pela televisão.

Entender que temos a televisão como ferramenta nos parece importante. Betti (1998, p.149) relata:

Não precisamos de um aparelho de TV em cada sala de aula para integrar a televisão à educação, assim como não se trata de assistir a partidas de futebol nas aulas de educação física. O esporte

telespetáculo já está incorporado na cabeça dos nossos alunos, na maneira como pensam, vêem e praticam esporte. O que precisamos é levar em conta tal fato ao propor nossas ações educativas – o que em absoluto significa aceitação passiva, acrítica, conformista (Betti, 1998, p.149)

Concluimos que mesmo com posições contraditórias a respeito da televisão e seu uso ou reflexo na escola, ela é um elemento presente e atrativo e que uma significativa parte de seus telespectadores é formada pelos alunos. A escola deve se preparar para os meios de comunicação e não refutá-los ou condená-los. Os alunos continuarão assistindo televisão a vida toda e, possivelmente gastemos pouco tempo para ensiná-los a ver tanto um jornal quanto um desenho animado.

Importante lembrar quanto a este contexto, até onde os professores estariam preparados para essa forma de orientação. Cabe inicialmente tê-la como uma aliada e não como uma inimiga. Nós educadores estamos preparados para a televisão? É fundamental discutir e pensar o quanto nós enquanto professores, sabemos muito pouco sobre as profundas transformações que tem ocorrido nas formas de aprender das gerações mais jovens. Também o professor de Educação Física, enquanto integrante do corpo docente, deve se preparar para as novas tecnologias que trazem a informação ou mais ainda, a imagem rapidamente e de diversas formas. Citando Betti (1998, p. 147):

Por isso não podemos simplesmente censurar a TV e o esporte que ela relata. Esse é o universo cultural em que as novas gerações socializam-se no esporte. O futebol não é só uma “pelada” num terreno baldio, é também *videogame*, jogos em computador, espetáculo na TV. Uma revista especializada em esportes, como uma estratégia de *marketing* dirigida ao público jovem trouxe, em seu primeiro número um disquete de computador para explicar a lei do impedimento no futebol. Assistir aos esportes e praticá-los formam uma nova unidade de relações dissimétricas e variáveis. Esse é um novo cenário por onde a educação física terá que se mover – queiramos ou não, gostemos ou não. (BETTI, 1998, p. 147)

Acredito que as hipóteses por nós levantadas se confirmaram. Tanto pela observação das aulas quanto pelas respostas às questões propostas, pudemos confirmar a influência das violências mostradas pela TV durante os jogos de futebol, assim como pela divulgação enfática em programas esportivos veiculados

pela televisão. Creio ainda que haveria a possibilidade deste trabalho apresentar melhores resultados, se houvésssemos observado um maior número de escolas, possibilitando um processo comparativo diferenciado; mesmo a elaboração de um questionário mais amplo e abrangente, que permitisse uma diminuição do desvio padrão, que interfere na leitura final dos fatos; também o acompanhamento dos programas esportivos, realizado de forma parcial, pode ter interferido no processo.

Ainda assim, acreditamos que a parte metodológica foi adequada à natureza das hipóteses levantadas. Até porque, outras hipóteses surgiram no decorrer do trabalho, instigando trabalhos futuros. Pelas percepções das respostas dos questionários, bem como da aceitação discriminatória de se compor o universo das violências, leva a crer que elas não podem ser sistematizadas meramente com as informações qualitativas. Também a partir do resultado da pesquisa, concluímos que pobreza e miséria não são responsáveis pela violência televisiva, embora o quadro miserável e empobrecido da população de baixa renda seja fecundo ao desenvolvimento de violências diversas.

Finalizando, acreditamos que esta dissertação, ao discutir conceitos de elementos presentes no cotidiano de nossa cultura esportiva, por meio da televisão e sua relação com a escola, possa de alguma forma, contribuir para discussões a respeito do tema.

REFERÊNCIAS

ADRENALINA, a molécula da ação. **Revista Eletrônica do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Catarina**. Ano 4, 2008.

ALVES, ARIEL C. Educação e violência. **Revista “e”**, São Paulo, n.3, ano 14, p.36 - 39, set. 2007.

AZEVEDO, Fernando. **A cultura brasileira**. Brasília, DF: UNB, 1996.

BARBOSA, J. A. S. **O corpo na copa do mundo**. Discorpo, São Paulo, n.3, p. 99 –103., 1994.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papirus . 1998.

BOMPA, T.O. **Periodização: teoria da metodologia do treinamento**. São Paulo, Phorte, 2002.

BOURDIEU, PIERRE. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília/DF: **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**, 1996.

CACIGAL, J. M. **Deporte y agresión**. Madrid: Alianza Deporte, 1995.

CARNEIRO, MARIA A . B. O jogo e a aprendizagem. Discorpo, São Paulo, p. 55 - 61., 2002.

CASTANHO, SERGIO. **Institucionalização das instituições escolares: final do império e primeira república no Brasil**. In: Nascimento, Maria I. M.(Org.) .) et al. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

DADOUN, Roger. **A violência**: ensaio acerca do “Homo violens”. Rio de Janeiro: BCD União de Editoras S.A, 1998.

DAÓLIO, J. **O drama do futebol brasileiro**: uma análise sócio-antropométrica. Revista Paulista de Educação Física. São Paulo: v.3, n. 5, p. 57 – 61, jul. 1989

DARIDO, SURAYA, C. (et al) **Educação física e temas transversais**: possibilidades de aplicação. São Paulo: Mackenzie, 2006.

FILHO, CAROL KOLYNIK. **Educação física**: uma introdução. São Paulo: EDUC., 1996.

_____. **A Educação física e a interdisciplinaridade**. Discorpo , São Paulo, n.3, p.49 – 97, 1994.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FISCHER, Rosa M. B. **Televisão e educação**: fruir e pensar a TV. Belo Horizonte, MG: Autêntica., 2003.

FONTANELLE, André. Ultraje em campo. **Veja**. São Paulo: p.75/76, 8 de março de 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis, RJ: Vozes., 2001.

FROMM, ERICH. **Anatomia da destrutividade humana**. Rio de Janeiro: Guanabara S. A., 1987

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. Porto Alegre, RS: 3: L e PM, 1991.

GOELLNER, Silvana V. **Mulheres e futebol no Brasil**: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esportes, São Paulo, vol. 19, p.143 – 151, 2005.

GUIMARÃES, ANA A. (et al). **Educação Física**: algo mais que esporte. Discorpo, São Paulo, p. 59 - 72. 2001.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar**: conflito e ambigüidade. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

GUIMARÃES, I. V. **Escola e Televisão**: para além dos antagonismos. Revista de Comunicação e Educação. São Paulo: ano 7, nº 21, maio/ago. de 2001. p. 17-28.

HUIZINGA, JOHAN. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1980.

JOGOS Regionais do Estado de São Paulo. Disponível em <http://jogos.regionaisdejundiaí.com.br>.

KOLYNIÁK, HELENA M.R. **No caminho do mito**, do esclarecimento ou da barbárie? Discorpo, São Paulo, p. 73 - 89., 2002.

LEAL, Júlio César. **Futebol**: arte e ofício. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

LIPPELT, RICARDO T. Violências nas aulas de educação física: estudo comparado de duas escolas da rede pública do Distrito Federal. 2004. 74 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física). Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, 2004.

MAIA, Rodrigo. **Linha de passe na real**. Metrópole, Campinas, p.34 – 42, 2008.

MACHADO, Afonso A. **Psicologia do esporte**: da educação física escolar ao esporte de alto nível. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

_____. **Psicologia do Esporte:** temas emergentes. Jundiaí, SP: Ápice, 1997.

MEDRADO, H. (et al) **Violência nas escolas.** Sorocaba, SP: Minelli, 2008.

_____. **Violência escolar:** entre a simbólica e a concreta. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2005.

MELLO, Romário A . **Embriologia humana.** São Paulo: Atheneu, 2000.

MELANI, R. **O futebol e a razão utilitarista.** Discorpo, São Paulo, n.9, p. 23 - 28., 1999.

MOIOLI, ALTAIR. A convivência do técnico e os atletas adolescentes na modalidade futebol: uma análise intercondutal das relações afetivas. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2004. 212 f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

MURAD, MAURICIO. **Dos pés à cabeça:** Elementos básicos da sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural., 1996.

NEGRÃO, R.F. **O Trabalho do jogador de futebol profissional.** Discorpo, São Paulo, n. 2, p. 60 – 68, 1994.

_____. **Corpo, objeto de consumo.** Discorpo, São Paulo, n. 13, p. 41 -53., 2002.

NASCIMENTO, M. I. M., (et al) **Instituições escolares no Brasil:** conceito e reconstrução histórica. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

REIS, Heloísa H. B. **Futebol e violência.** Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

PENTEADO, H.D. **Televisão e escola:** conflito ou cooperação. São Paulo, Cortez, 1999.

RENCHER, W.P. **Mudanças contra o racismo no Brasil**. O lance, São Paulo: 19 de março de 1996, p.23..

PADILHA, Tarcísio M.; **A violência: ciclos de conferências**. São Paulo: Escola Superior de Guerra, 1970.

PEREZ, ELAINE C. M. F., **Infância sorocabana revelada: proteções negociadas com a violência**. Sorocaba: Universidade de Sorocaba, 2007.

RODRIGUES, A ; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKI, B. **Psicologia social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

SAJO, EDNILDE. Sorocaba: da história a modernidade. In: Medrado, Hélio I. P. **Violência nas escolas**. Sorocaba, SP: Minelli, 2008.

SAVIANI, D. **Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. In Nascimento, Maria, I. M. (Org.) et al. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

SILVA, M.C.; COSTA, M.M.; SALLES, J.G.C. **Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira**. Brasília, DF: INDESP, 1998.

STEINER, MARIA H. F. **Quando a criança não tem vez**. Campinas, SP: Pioneira,

TANI, GO. **Educação Física vida e movimento**. São Paulo: Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 2005.

_____. Atividade de pesquisa na escola de educação física e esporte da USP: passado, presente e futuro. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, vol. 13, p. 20 a 35, USP, dez. 1999.

_____. Esporte, educação e qualidade de vida. in: Moreira, Wagner W., Simões R.(org). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba, SP: Unimep, 2002, p.110/111. Apostila.

VARGAS, Ângelo Luís de Souza. **Desporto**: fenômeno social. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

WEINBERG, R. S.; GOUD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

WITTER, JOSÉ W. **Breve história do futebol brasileiro**. São Paulo: FDT, 1996.